

técnicas de educação

O JORNAL ESCOLAR

Célestin Freinet

CELESTIN FREINET

O JORNAL ESCOLAR

Editora Estampa

Titulo Original

Le Journal Scolaire

Tradução de Filomena Quadros Branco

Capa de Soares Rocha

Copyright

Cooperativa de L'Enseignement Laic Cannes, 1967

Editorial Estampa, Ltda, 1974

para a língua portuguesa

Índice

Introdução	6
Primeira parte	
Pequena história do jornal escolar	10
A técnica do jornal escolar	12
Do texto livre ao jornal	14
O jornal escolar:	
Organização técnica e tecnológica	22
Os diversos tipos de jornais escolares	24
O conteúdo dos jornais escolares	24
O jornal escolar: Forma e apresentação	28
I - classes infantis	31
II - da primeira à terceira classe	33
III - quarta classe e terminal	33
IV - o jornal escolar nas classes únicas	35
V - o jornal escolar nas escolas urbanas de varias classes	36
VI - classes de aperfeiçoamento, de inadaptados, atrasados, lares de crianças, hospitais, etc	36
VII - o jornal escolar no curso complementar e no segundo grau	37
VIII - o jornal escolar na pedagogia da união francesa	38
IX - o jornal escolar progride rapidamente em vários países do mundo	39
As virtudes do jornal escolar	42
Segunda parte	
Vantagens do jornal escolar	43
Vantagens pedagógicas	46
Vantagens psicológicas	54
Conclusão	62
O jornal escolar para o conhecimento da criança	62
Vantagens sociais do jornal escolar	63
O jornal escolar, instrumento de iniciação à vida cívica e à compreensão internacional	68
Terceira parte	
A correspondência interescolar	70
Apêndices	81

O que é um jornal escolar?

Quais são os seus princípios de base, psicológicos, pedagógicos e técnicos?

Que serviços pode prestar-nos?

Que caminhos pedagógicos nos abre ou nos promete?

Este livro fala-nos disso.

Ele é o resultado de uma experiência que já dura há trinta anos e que se estende, hoje em dia, a milhares de escolas e a milhões de crianças, em França e no estrangeiro.

Será amanhã um dos principais elementos de uma pedagogia aberta para o mundo e para à vida, susceptível de dar um novo sentido à cultura, da qual a escola, a todos os níveis, deve estabelecer as bases e preparar o aparecimento.

INTRODUÇÃO

OS IMPERATIVOS DA MODERNIZAÇÃO ESCOLAR

Cada época tem uma linguagem e utensílios que lhe são próprios.

Os nossos avós utilizavam «manuscritos» e a pena de pato numa escola onde a autoridade do professor se manifestava através das «reguadas» e pelas orelhas de burro.

Os progressos técnicos da mecânica e da produção editorial criaram para a nossa geração a era dos manuais escolares e da caneta metálica, com os métodos que o seu emprego tornava convenientes: trabalhos de casa, lições, cópia de textos, exercícios cujo ritmo era soberanamente marcado pelo educador e pelo livro.

Estamos actualmente na aurora de um novo período: a imprensa impôs a tal ponto a sua soberania que mesmo o manual mais rico não passa de um 'ersatz' da riqueza gráficaposta à disposição de todos pela técnica contemporânea. A própria escrita manuscrita tende a minimizar-se num mundo em que a máquina de escrever, a poligrafia, o disco, a rádio, o cinema, a televisão, o gravador, intensificam e aceleram a intercomunicação e as trocas.

A técnica dos manuais, dos deveres e das lições, está hoje ultrapassada, como o foi a técnica do manuscrito e da pena de pato.

Porém, os velhos hábitos, inscritos no modo de vida e na tradição, obstinam-se em sobreviver, como persistem, apesar do aperfeiçoamento da mecanização, o arado e a foice.

Em educação, a revolução é ainda mais lenta e laboriosa do que nas outras técnicas de trabalho; as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram. A cultura tradicional continua obstinadamente baseada num

passado caduco e trava as forças inovadoras que dinamizam o avanço. A necessária prudência assume, infelizmente, demasiadas vezes, o aspecto da reacção e são muitas vezes esses mesmos homens que já não seriam capazes de imaginar a vida sem cinema, discos ou telefonia, sem automóvel nem avião, que continuam a insistir, no que toca à educação, para si próprios e para os seus filhos, nas normas do século passado, com um atraso que muitos técnicos se esforçam por explicar e justificar.

Que devem tomar-se grandes precauções, de forma a garantir segurança numa evolução que afecta o potencial vital das gerações, não há dúvida. Mas não é menos verdade que os princípios de modernização admitidos pela indústria são evidentemente válidos em educação, que um atraso técnico resulta sempre, em última análise, num atraso de civilização e que o progresso social do nosso mundo em crise necessita de uma modernização paralela dos nossos métodos e dos nossos utensílios de trabalho escolar.

De resto, em teoria, isso foi sempre admitido e preconizado. Os princípios desta modernização estão enunciados há séculos pelos nossos pedagogos, os nossos filósofos, e nunca dizemos nada que não tenha já sido dito, por vezes na sua fórmula definitiva, nas obras de Montaigne, de Rabelais, de Rousseau e de Pestalozzi, para falar apenas de escritores de língua francesa.

Mas estes princípios não tinham passado de princípios. A diferença entre a teoria e a prática era flagrante. Continuava-se a trabalhar com o velho arado em pleno século das ceifeiras-debulhadoras e dos 'bulldozers'.

O movimento da Escola Moderna empenhou-se, há trinta anos, em transformar em realidade nas nossas escolas os sonhos generosos dos pedagogos. Fê-lo no âmbito da Escola, experimentando demorada e prudentemente as novas técnicas cuja necessidade se fazia sentir, ensaiando, através da própria vida activa e criadora das crianças, os utensílios que iriam substituir progressivamente as maquinetas anacrônicas da escola tradicional.

Deste trabalho de pioneiros, realizado, sob a direcção do Instituto Cooperativo dá Escola Moderna (Técnica Freinet), por vários milhares de professores associados, nasceu um novo método de trabalho, melhor adaptado que os métodos habituais às necessidades do meio em que

vivemos e às exigências da produção contemporânea.

Substituímos a rotina dos manuais, dos trabalhos de casa e das lições, impostos autoritariamente pelos adultos por:

- O texto livre, que é a expressão natural inicial da vida infantil no seu meio ambiente normal;
- A observação e a experiência como fundamentos indispensáveis das aquisições de conhecimentos em ciências e em cálculo, em história e em geografia ;
- O desenho, a pintura e a música livres, expressão complementar pela via afectiva e artística, de tudo o que a criança tem em si de possibilidades difusas e, não obstante, superiores, de acesso à cultura, não apenas escolar mas cultura social e humana.

Esta técnica da expressão livre, da observação e da experiência pressupõe, no entanto, a criação de novos utensílios de trabalho que lhe dão simultaneamente o alimento e o objectivo.

Conseguimos esta motivação superior através do jornal escolar, base da correspondência interescolar, da imprensa, da poligrafia, do desenho, do disco, da rádio, da fotografia e do cinema fixo, do gravador, da troca de correspondência e de encomendas e, por fim, da troca de alunos.

Trata-se, como se vê, de uma nova técnica de trabalho, que pressupõe a criação de utensílios que aperfeiçoámos incessantemente e na utilização dos quais se têm iniciado progressivamente os educadores. Além disso, o método qué é definido por este espírito apresenta-se como uma reviravolta pedagógica total. A Escola tradicional começava pelas paredes mestras e pelo tecto, para avançar mais depressa e mais rapidamente poder abrigar os que a utilizavam. Fornecia material pré-fabricado e esforçava-se por adaptá-lo e consolidá-lo. O edifício, porém, era evidentemente frágil e fácil de derrubar; tinha de ser refeito desde o princípio por quem quisesse aceder à cultura.

Nós começamos precisamente a partir da base, desses caboucos que tardam por vezes a sair da terra mas que são indestrutíveis e definitivos.

Uma tal reconsideração do processo pedagógico choca-se, como é natural, com os hábitos tenazes dos educadores profissionais, com receio de modificações que afectem o seu modo de vida. Facto mais grave ainda, colide com os interesses dos fabricantes de material tradicional que

atrasam o mais que podem as transformações que o progresso tornará, cedo ou tarde, inevitáveis.

Haverá uma melhoria pedagógica na medida em que o dinamismo das novas forças triunfar sobre essas resistências e souber construir, pedra a pedra, o mundo novo com que sonhamos.

PEQUENA HISTÓRIA DO JORNAL ESCOLAR

Alguns jornalistas, sofrendo da mania da exegese, esforçaram-se por encontrar na história da pedagogia exemplos precedentes que retirassem à nossa iniciativa as vantagens, morais pelo menos, da invenção e do inédito.

Esta questão para nós é secundária. O que conta, antes do mais, para a Escola, para as crianças e para os professores, não é o aspecto histórico das técnicas e dos métodos mas sim a sua adequação às necessidades pedagógicas.

Diremos, no entanto, que só reconhecemos um «antepassado»: é a realização, depois da guerra de 1914-1918, pela Escola Decroly (Bélgica) do Correio da Escola, impresso na própria escola, segundo uma fórmula que explorámos e divulgámos. Tal filiação, de resto, não surpreenderá ninguém que saiba tudo o que devemos ao Dr. Decroly, que foi, sob muitos aspectos, o nosso inspirador.

Além deste precedente — que até agora continuou a ser o único — não temos conhecimento, quer em França quer no estrangeiro, de nenhuma experiência semelhante ao Jornal Escolar, tal como o realizámos.

Não há motivo, de resto, para se ficar surpreendido com este facto; um Jornal Escolar do tipo Freinet pressupõe:

- Quanto ao conteúdo, o texto livre;
- Quanto à técnica de impressão, a imprensa escolar ou o fílmógrafo.

Ora fomos nós que pusemos em prática e divulgámos um e outros.

Poderá dizer-se que, apesar de tudo, sempre houve jornais escolares, mais ou menos clandestinos, nos quais os alunos davam livre curso, se não à sua expressão espontânea, pelo menos aos seus ressentimentos contra as limitações e a autoridade da escola.

Estes jornais não tinham evidentemente nada de escolar; eram mais precisamente antiescolares. Fosse qual fosse a sua importância nos processos de defesa das próprias crianças, nunca poderiam enquadrar-se numa fórmula que se insere, a partir de agora, num método pedagógico e que ganha, oficialmente direito de cidadania na própria escola.

Existem também jornais de escola realizados por colaboração de professores e pais — e eventualmente por algumas crianças — para a defesa das reivindicações do domínio do ensino. Também estes jornais não podem ser considerados jornais escolares. Por mais preciosos que sejam, o seu aparecimento e o seu desenvolvimento não poderiam constituir os elementos activos de uma nova pedagogia.

A nossa criação do jornal escolar pela imprensa escolar e a poligrafia é realmente original. A rapidez da sua difusão é bem a prova de que corresponde a uma necessidade do momento, que é o utensílio que se esperava; vamos falar da sua gênese, do seu funcionamento e dos seus objectivo».

Milhares de Jornais Escolares — método Freinet são regularmente editados em França e no estrangeiro. A sua recolha constitui a maior e a mais rica coleção de textos livres que existe actualmente. A sua importância em França foi recentemente autenticada por uma lei especial que concede aos Jornais Escolares — método Freinet a autorização de serem transportados pela tarifa reduzida dos periódicos.

O jornal escolar constitui indubitavelmente um dos acontecimentos característicos da nova pedagogia, francesa e internacional.

A TÉCNICA DO JORNAL ESCOLAR

Existem em todos os jornais um director e uma Redacção que recebem e, se necessário, pedem textos para publicar, examinam esses textos e decidem da sua publicação.

Esta fórmula será talvez válida para o segundo grau do ensino, para crianças que estejam já em condições de terem uma participação de colaboradores nos diversos campos do trabalho. Todavia, não é viável com crianças da escola primária que raramente estão aptas a produzirem por si próprias um texto suficientemente correcto na forma e no conteúdo para poder surgir numa revista.

O jornal escolar — método Freinet é uma recolha de textos livres realizados e impressos diariamente segundo a técnica Freinet e agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e os correspondentes.

Mas, que são estes textos livres? De onde vem o seu interesse, a sua originalidade e até a sua importância escolar? Enquanto esperamos a publicação do livro que, nesta mesma coleção, tratará o texto livre ⁽¹⁾, julgamos útil dar aqui algumas explicações prévias.

Se numa aula a redacção não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre «os deveres» mas nunca terá «obras» susceptíveis de serem o testemunho de uma personalidade.

Não é com redacções clássicas, mesmo perfeitas, que um professor poderá manter vivo um jornal escolar.

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A «espontaneidade» que tem sido tão discutida, não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objectivos que devemos englobar nas nossas técnicas de vida.

⁽¹⁾ Edições de l'École Moderne Française, C.E.L.- Cannes

A Chailloy, j'ai vu un petit poulain

tonton a déguisé georges en bossu
sa bosse était un coussin.
puis il a dit:
je reviens des pays chauds,
j'ai trouvé un moine ;
c'était moi
dans une grande couverture.

Notre chèvre Fleurette était au champ. Je l'entendis pleurer. Vite, je vais voir et je m'écrie:
— Oh ! Elle a trois petits biquets!...

OLE CANARIO
Ma sœur possède un canari des îles
Mozambiques
Il loge dans une cage peinte en jaune au

Em Chailloy eu vi
Um potrozinho
O tio disfarçou o Jorge de corcunda
A corcunda era uma almofada
Depois disse:
Venho dos países quentes,
Encontrei um frade;
Ira eu
Com uma grande capa.
A nossa cabra Fleurette estava no campo. Ouvia-a chorar. Depressa,
ou ver e grita:
— Oh, ela tem três cabritinhos!...

O CANARIO
A minha irmã tem um canário das ilhas de Moçambique.
Está numa gaiola pintada de amarelo

Nas nossas escolas, a expressão livre infantil fica automaticamente socializada pela motivação que constitui para nós o jornal escolar e a correspondência. A partir de agora, a criança já não escreve apenas o que lhe interessa a ela; escreve aquilo que, nos seus pensamentos, nas suas observações, nos seus sentimentos e nos seus actos é susceptível de interessar os seus camaradas e de vir a interessar os seus correspondentes.

O texto livre, escolhido por votos de mão levantada, é aperfeiçoado colectivamente, quer no que diz respeito à verdade do conteúdo, quer na sua forma sintáctica, gramatical e ortográfica. A obra que depois é dada aos pequenos tipógrafos é o resultado do nosso método natural de trabalho, que respeita o pensamento infantil mas contribui com o seu auxílio técnico, enquanto espera que a criança esteja em condições de caminhar pelo seu pé e de nos trazer textos e poemas que só teriam a perder com a nossa intervenção.

DO TEXTO LIVRE AO JORNAL

O texto livre, de que há trinta anos fomos os iniciadores, está prestes a destronar a prática corrente da redacção, preparada ou não.

Apresenta por si próprio vantagens sólidas das quais falaremos adiante, mas que podem ser comprometidas por uma certa indolência escolástica que pode nascer do facto de se deixar a aventura a meio. Traça-se e aplaina-se com entusiasmo a nova estrada mas pára-se exactamente no momento em que seria necessário ultrapassar um vale. Faltam os meios técnicos para lançar uma ponte. Pode-se, é certo, melhorar o caminho assim traçado, que terá pelo menos a vantagem de servir as terras que o bordejam; mas não deixa de ser um caminho sem saída que será posto de parte no dia em que, mesmo por uma estrada mais longa, se puder atravessar o vale e chegar ao outro lado.

Podemos não parar a meio caminho. Esse texto cuidadosamente limado e de que nos orgulhamos será transformado em páginas de vida e depois em elemento do jornal escolar da aula, com todas as novas possibilidades de comunicação que essa «ponte» nos permite entrever e realizar.

Como realizar o jornal escolar?

a) *O jornal manuscrito*

Mesmo nas escolas que não dispõem de nenhum sistema de poligrafia é possível realizar sempre um embrião de jornal que será o primeiro passo no novo caminho.

Depois do texto ter sido aperfeiçoado no quadro, a criança, em vez de copiá-lo no caderno diário, escreve-o numa folha de 13,5X21 cm. Pode até, se escrever com esferográfica, usar uma folha de papel químico e obter assim, de uma só vez, duas ou três cópias.

Uma dessas folhas ficará no livro da vida da criança; a outra será destinada aos correspondentes e integrada a esse título no jornal escolar. Se um professor tem vinte alunos que escrevem regularmente, terá assim, além das páginas pessoais, vinte cópias de cada texto para o jornal escolar.

A organização destas páginas estará assim motivada. A cópia deixa de ser um «dever» e passa a participar numa obra colectiva que nos lembra, em certa medida, a arte dos copistas da Idade Média, com as suas iluminuras e as suas ilustrações. Cada aluno recria e apropria-se do texto dando-lhe uma forma pessoal, com desenhos originais que o completam e o enriquecem com uma vida nova.

No fim do mês, o professor coloca as páginas reproduzidas por este sistema numa capa especial, ilustrada. O jornal estará pronto para a partida. Circulará pela aldeia e servirá de contacto com os correspondentes.

Na falta de jornal manuscrito, o professor pode também realizar alguns bons álbuns, profusamente ilustrados, que poderão ser instrumentos preciosos para as comunicações interescolares em que deverá ‘participar logo que lhe for possível.

O professor não deve julgar que esta prática é pouco importante. Ela permitiu-nos, num campo de concentração, em 1941, realizar um jornal do campo {que, por razões não pedagógicas, não pôde ir além do número um mas que nem por isso perde o valor de exemplo encorajante do que pode resultar desta técnica pedagógica.

b) *Primeiro aperfeiçoamento técnico: a linogravura*

O professor pode comprar, por pouco dinheiro, os utensílios de linogravura. Deve procurar lino unido e, seguindo os conselhos fornecidos na brochura de Educação Popular n.º 11, «A gravura de lino»⁽¹⁾ pode gravar os melhores desenhos de ilustração dos textos. Ser-lhe-á fácil então tirar vinte a trinta exemplares desse lino gravado e terá assim, automaticamente, uma bela ilustração para o jornal manuscrito. (A linogravura permite-lhe, ao mesmo tempo, ilustrar a capa do jornal, imprimir o título e melhorar também a apresentação dos programas de festas e dos bilhetes de tombola.)

c) *O jornal policopiado*

Existem no comércio várias formas de policopia. O mais recente é o aparelho de álcool, que é utilizado hoje em dia em muitas câmaras municipais para a tiragem de circulares.

Não recomendamos a sua compra por motivos que explicaremos nas páginas seguintes. Mas, se não houver outra possibilidade, talvez a escola possa utilizar o da Câmara ou de qualquer empresa privada que queira tomar essa iniciativa amigável.

Quando o texto está pronto, o professor faz o original com a tinta especial ou com carbono hecto-gráfico; seguidamente, ilustra a página como desejar e a máquina tira rapidamente cinqüenta a cem exemplares.

Aparentemente, trata-se de uma coisa simples e prática. Mas não se deve ter demasiada esperança nesta técnica. Logo que for possível, o professor deve pô-la de parte, porque comporta um certo número de inconvenientes graves que a tornam desaconselhável para este efeito:

- A tiragem nunca sai completamente negra e a tiragem violeta tem sempre pouco contraste;
- Sobretudo porque, excepto quando o aparelho é muito caro, a cor empalidece depressa: só as primeiras vinte ou trinta cópias são aceitáveis;
- A policopia permite, em princípio, a tiragem de desenhos a cores. Na prática, certas cores são pouco estáveis e as folhas perdem depressa o seu bom aspecto.

Em consequência, aconselhamos as escolas que, pelo menos

⁽¹⁾ Edições da Escola Moderna Francesa.

provisoriamente, usam a policopia, a tratar em com especial cuidado o original, fi necessário que seja escrito com uma letra excelente, de preferência em maiúsculas. O professor não deve confiar esse trabalho a um aluno qualquer, mesmo que seja ao autor do texto, mas sim às crianças que tiverem uma caligrafia excelente e sejam cuidadosas. Na maioria dos casos é preferível que seja o professor a fazer o original.

O professor fará uma tiragem reduzida, vinte ou trinta exemplares, para não ser depois obrigado a utilizar páginas excessivamente brancas e ilegíveis.

A apresentação do jornal policopiado pode ser melhorada com êxito pela utilização de Unos gravados a negro ou a cores.

d) *O jornal limografado*

Os defeitos do jornal policopiado vão incitar o professor a procurar uma melhoria técnica da tiragem.

Se por falta de fundos não for possível pensar na imprensa, pode utilizar-se o limógrafo.

Nos copiógrafos ou nos aparelhos a álcool, o original é escrito com uma tinta especial que deixa muitas partículas em todas as folhas tiradas.

O princípio do limógrafo é diferente. Com uma lima (ou uma celo-lima, substituto inofensivo da lima, em celulóide) ou com a máquina de escrever, perfura-se um papel especial, que não se rasga: o 'stencil'.

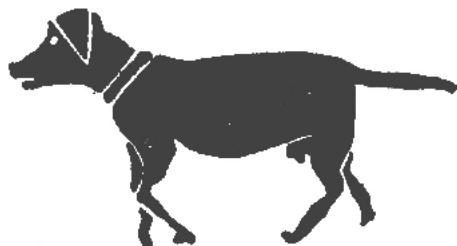
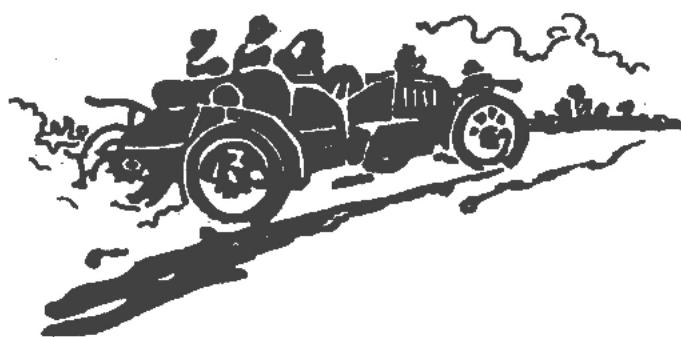
Com um aparelho especial, o limógrafo, passa-se um rolo de tinta sobre o 'stencil' perfurado. A tinta atravessa os perfuradores e passa para o papel que se pôs por baixo do 'stencil'. É o princípio do Roneo ou da Gestetner com que se fazem a maioria das circulares que se recebem em casa.

Por este processo, evitam-se alguns dos defeitos da policopia:

— A tiragem pode fazer-se a preto ou a qualquer outra cor, pois a tinta utilizada é a tinta de imprensa, ligeiramente mais oleosa.

— Esta tinta é estável e indelével, como a tinta de imprensa. Se o texto tiver sido cuidadosamente escrito (os conselhos dados para a técnica da policopia servem para o original do limógrafo) a tiragem é perfeita e tão parecida com a impressão que por vezes se confunde com ela.

— O 'stencil' pode gravar-se com esferográfica ou ser batido à



LINOGRAVURAS

máquina. Com uma máquina em bom estado, o resultado é perfeito.

— A maior vantagem do limógrafo é, contudo, a de se poder fazer a tiragem que se quiser. As primeiras folhas podem sair empastadas mas depois o resultado é progressivamente melhor e a centésima folha sai melhor que a décima.

No limógrafo — que neste caso é superior à imprensa — podem reproduzir-se todos os desenhos e todos os mapas. Simplesmente o limógrafo, como a imprensa, só podem usar uma cor por tiragem. Para ter uma folha com duas ou três cores, será necessário fazer duas ou três tiragens sobrepostas.

Veremos mais adiante que, graças a estas vantagens, o limógrafo se apresenta, para os textos longos e para os desenhos, como um excelente complemento da imprensa.

Com o limógrafo é possível fazer um jornal muito válido, tanto para as trocas interescolares como para os assinantes, desde que se tenha cuidado com a preparação dos 'stencils'.

Numa brochura especial, «O limógrafo na Escola» (¹) podem encontrar-se todas as indicações técnicas, o fabrico, a compra e o funcionamento dos limógrafos.

Pusemos em prática um modelo simples, que qualquer amador pode fabricar sozinho, necessitando apenas de comprar gaze de seda, o rolo da tinta, tinta e 'stencils'.

Mas para fazer deste aparelho um verdadeiro utensílio escolar fizemos-lhe algumas transformações para o aperfeiçoar por forma a tornar o movimento automático e, consequentemente, ao alcance de qualquer criança.

O limógrafo automático 13,5 X 21 e 21 X 27 parece ser o aparelho ideal para a feitura do jornal escolar em todas as escolas que não podem ainda pensar na compra da Imprensa da Escola.

e) *O jornal impresso*

Com estes diferentes sistemas, o professor vê-se apanhado na engrenagem que o levará inevitavelmente à imprensa, a menos que tenha podido equipar-se de uma só vez com todo o material que permite fazer

(¹) Edições da Escola Moderna Francesa.

sair regularmente um belo jornal impresso e ilustrado, tal como os que se editam hoje aos milhares em França, na Itália, na Suíça, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, na Grécia, em África, na América.

Em princípio, com efeito, o jornal escolar é impresso porque:

- A tipografia permite uma apresentação sempre superior à do texto poligrafado.
- As pessoas cansam-se rapidamente de ler uma circular roneografada, mesmo que esteja impecavelmente tirada, ao passo que uma página impressa, artisticamente apresentada, é repousante e atraente.

Na prática, as crianças interessam-se espontaneamente pelos jornais impressos, sobretudo se são ilustrados e coloridos. Para eles — e é esse o teste decisivo — a tiragem ao limógrafo não passa de uma produção de segunda ordem.

Todavia, a superioridade básica da imprensa e, sobretudo, a sua superioridade pedagógica reside nalgumas das suas características que, à primeira vista, poderíamos considerar como inconvenientes.

Diz-se que a composição tipográfica é lenta e fastidiosa. Depois de classificar metódicamente os caracteres, é preciso compor as palavras, letra por letra, e o texto, linha por linha, enquanto que uma pessoa sonzinha bate à máquina em poucos minutos um 'stencil' que lhe permite a tiragem quase imediata de umas centenas de exemplares. No entanto, na prática, imprimir é um trabalho que nunca se torna aborrecido e até os adultos se deixam seduzir pela minúcia de uma técnica que permite a transcrição, numa forma melhorada e definitiva, de textos a que se quer dar vida e harmonia.

A criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu. Deixa de haver um intermediário no processo que vai do pensamento balbuciado e depois expresso (ao jornal que será mandado pelo correio para os correspondentes. Controla todas as etapas: escrita, aperfeiçoamento colectivo, composição tipográfica, ilustração, disposição sob a prensa, tintagem, tiragem, agrupamento, agrafagem.

É precisamente esta continuidade artesanal que constitui o essencial

(') Edições Escola Moderna Francesa.

do alcance pedagógico da Imprensa na Escola. Permite corrigir o que há de irracional, em educação, na crença de que os outros podem criar em nosso lugar a nossa própria cultura. Liga-nos de novo aos gestos simples e primitivos, aos que estabelecerão a tal infra-estrutura sobre a qual poderemos construir solidamente o nosso edifício.

As crianças são ainda mais sensíveis que os adultos ao fascínio da imprensa. Na prática, optam pelo limógrafo sempre que trabalham com textos longos e, sobretudo, textos documentais. Mas quando se trata de textos belos ou de poemas, exigem as honras da impressão. Se se perguntar a um aluno quantos textos fizeram no jornal ele responderá: três impressos e dois limografados.

Os adultos que criticam a impressão pelo acréscimo de trabalho a que conduz e a perda de tempo que ocasiona, mudariam de opinião se pudessem assistir a esse renascimento dos textos e se tivessem o privilégio de também poderem intervir. Compreenderiam então que há trabalhos que são desejados, na medida em que se inscrevem no circuito da produção criadora dos indivíduos.

A subida de um carreiro escarpado que conduz ao alto da montanha é penosa para o alpinista. E, no entanto, sobe-se alegremente porque se quer sentir, ao chegar ao topo, a embriaguez da altitude e da conquista, o domínio sobre a dificuldade e a exaltação da força pessoal.

Do mesmo modo, a criança que verte no metal as suas recordações e sonhos, os seus trabalhos e sucessos, parte à conquista de um topo exaltante e para conseguir lá chegar é capaz de se dominar, tocando as raias do heroísmo.

A esta virtude da imprensa devemos acrescentar ainda a vantagem suplementar que são a correspondência e o intercâmbio. Esta edição que é como que um desabrochar de nós próprios, vai, de agora em diante, seguir o seu rumo e teremos dela os ecos que virão reforçar a exaltação do trabalho criador.

Uma classe pode cansar-se do texto livre, se não houver jornal nem intercâmbio. Pode cansar-se do limógrafo que só nos traz uma meia satisfação com os resultados que se obtêm. Mas nunca se cansa da impressão quando esta permite fazer o jornal escolar e o intercâmbio com o jornal de outras escolas.

A técnica do jornal escolar, servida pôr utensílios adequados, é sempre um êxito nas classes onde é praticada segundo os princípios da nossa pedagogia.

Já não garantimos o mesmo êxito às escolas e aos professores que, por qualquer razão, parem a meio do caminho e não saibam, ou não possam, lançar sobre o desfiladeiro a ponte que conduzirá a obra ao termo desejado.

O JORNAL ESCOLAR: ORGANIZAÇÃO TÉCNICA E TECNOLÓGICA

Quando um jornal de adultos prepara o seu lançamento, procura colaboradores e organiza os primeiros números. Mas, ao mesmo tempo, prevê a colocação e o funcionamento das máquinas que asseguram a sua edição.

O método Freinet, baseado nos textos livres, a observação e experimentação através da própria vida, a expressão, sob todas as suas formas, literária, científica, artística, permite-nos reunir e apurar o conteúdo do jornal. Estudaremos nas páginas seguintes as suas várias modalidades.

Como editar o jornal; eis o segundo problema para o qual podemos apresentar hoje em dia, felizmente, algumas soluções práticas.

Ao cabo de trinta anos de tentativas e de experiências, conseguimos fabricar um material especial que é perfeitamente adaptado às necessidades e às possibilidades das nossas escolas e que continuamos, de resto, a aperfeiçoar na nossa cooperativa.

O material inclui:

— Caracteres de imprensa, cuja forma e espessura variam consoante a classe a que se destinam, desde o corpo 36 para os mais pequenos, aos corpos 12 e 10 para os maiores. Estes caracteres são standardizados. São fundidos na Cooperativa do Ensino Laico, mas podem utilizar-se eventualmente caracteres de outras proveniências;

- Compositores especiais, que permitem a composição independente, linha a linha. Os compositores profissionais só são recomendáveis para as classes mais avançadas;
- Tinta de imprensa, negra e de cor;
- Um rolo de tinta de gelatina e uma placa para a tinta;
- Uma prensa para a impressão.

Tal como previmos, diversos modelos de caracteres, pombos à disposição das escolas vários modelos de impressora, diferentes consoante as classes:

- a) A pequena impressora Freinet, para tiragens de 13,5 X 21, é a utilizada mais freqüentemente. É plenamente satisfatória e de preço muito acessível. A quase totalidade dos nossos jornais é feita nesta impressora.
- b) Há um formato 21 X 27 desta mesma impressora que foi pensado especialmente para os alunos mais velhos e para as aulas com duas classes simultâneas e que pode tirar de uma só vez duas páginas de 13,5 X 21.
- c) Temos também modelos de um e outro formato realizados em imprensa de rolo, do tipo provas de granel.
- d) Por fim, para permitir a certas classes tiragens mais rápidas também fabricamos:

- Uma impressora automática, formato 15 X 22;
- Uma impressora automática, formato 21 X 27;
- Por último, uma impressora automática semi-profissional 22 X 32 destinada aos Lares de Crianças, às escolas com classes numerosas, aos cursos complementares dos Centros de Aprendizagem e do Hospitais Psiquiátricos.

Em princípio, recomendamos que cada aula tenha o seu equipamento de impressão. De resto, os preços módicos permitem a sua instalação.

Todos os conselhos técnicos são facultados nas brochuras sobre o modo de utilização que acompanham o material.

OS DIVERSOS TIPOS DE JORNais ESCOLARES

Os nossos jornais têm um aspecto especial, uma aparência de fraternidade que nasce

- da concepção pedagógica que preside à preparação e à escolha dos textos;
- do material empregue.

Como um e outro são originais e, portanto, diferentes da concepção e do material que definem a fórmula dos jornais a que estamos habituados, como são, por assim dizer, uma criação total, é natural que se apresentem ao leitor como uma realização que não se deve julgar a partir do que já existe mas sim em função de concepções novas e dos objectivos que lhe são próprios.

O nosso material de impressão não é uma cópia nem um substituto das grandes instalações industriais; é um utensílio novo que não existia antes da nossa iniciativa, que responde a necessidade e satisfaz objectivos que tinham sido até agora desconhecidos ou negligenciados.

Os nossos jornais não são imitações nem substitutos de jornais de adultos. São uma produção original que tem a partir de agora as suas normas e as suas leis, que tem, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade.

O CONTEÚDO DOS JORNais ESCOLARES

A forma e o conteúdo dos jornais escolares definem-se pelos próprios princípios do método Freinet que preside à sua elaboração.

Aquilo que define este método é tomar como ponto de partida não os desejos, o pensamento ou a ordem dos adultos mas o interesse, os verdadeiros interesses das crianças, tal como são expressos nos textos livres.

Nem o próprio educador deve intervir «directa-mente» na organização e na escolha dos textos destinados a serem impressos, pois essa escolha

deve ser feita por votação regular e o resultado escapa, portanto, a uma regulamentação escolar rígida.

Haveria, além disso, algum risco em submeter estes imperativos pedagógicos às preocupações de boa apresentação —tendo em vista a opinião dos adultos— dos nossos jornais escolares. Cabe-nos a nós, professores, encontrar e definir as soluções que satisfaçam uns e outros.

Sei bem que seria desejável que um periódico conseguisse chegar a ter uma certa ordem nos textos e nos estudos, classificados em rubricas ou por centros de interesse, com sumário e editorial, documentários, contos, vida local, jogos, etc. Muitas escolas fizeram essa experiência, mas foram precisamente aquelas para as quais o jornal não era tanto um utensílio escolar e pedagógico quanto um órgão de ligação com a aldeia e os pais, por vezes mesmo um meio de obter um financiamento vantajoso, que não é de subestimar mas que não constitui para nós o problema central.

Na prática, pelo menos para o ensino primário, o nosso jornal escolar é, antes de mais, uma recolha de textos livres de crianças, expressão fiel dos principais interesses da classe no seu meio ambiente. Se a classe é uma classe rica, inserida num meio escolar e social fecundo, o jornal escolar será variado, terá profundidade e originalidade. Caso contrário, a sua dispersão e a sua insuficiência serão o próprio reflexo das insuficiências do meio (J). Neste trabalho é difícil fazer batota, ou servir de contraponto, a não ser virando as costas aos nossos princípios e correndo o risco de cair nos erros e nos vícios jornalísticos que a nossa coerência quer denunciar.

Isto não quer dizer que devamos desprezar as possibilidades que nos surjam de dar ao jornal um aspecto que lhe seja favorável. Já o dissemos, e voltamos a dizer: os nossos textos livres não são apenas produções espontâneas. Existem em função da vida da classe, dos pedidos dos correspondentes, da preocupação que devemos ter em fazer um jornal que interesse os leitores, infantis ou adultos. Estamos perante uma realização social que ultrapassa o quadro estrito dos textos livres. O nosso receio é de que, nalguns casos, as exigências- do jornal escolar nos façam cair numa nova escolástica que acabaria por impor às crianças normas de trabalho e formas de actividade que não se inserem no processo de evolução que deve ser a nossa primeira preocupação pedagógica.

Estas observações são válidas sobretudo para as classes de mais pequenos, em relação à idade em que o interesse das crianças é vivo mas passageiro, em que a cada dia correspondem novos centros de interesse com cuja síntese teremos muito a aprender.

A fórmula jornalística pode, em contrapartida, evoluir a partir dos doze ou treze anos, e mais especialmente nos cursos complementares, nos centros de aprendizagem e no segundo grau. Nessa idade, o nosso método pode perfeitamente coexistir com um plano editorial, uma ordem de publicação, que já permitem uma fórmula semelhante à dos jornais e revistas vulgares.

Os nossos jornais não pretendem fazer demonstrações nem fazer inquéritos. Contêm apenas elementos da vida, traduzidos em páginas de vida. A experiência prova que tanto crianças como adultos apreciam muitíssimo esta concepção. As reacções dos leitores adultos, as cartas de crítica e os pedidos de correspondência são um estímulo permanente que dá ao nosso trabalho uma motivação que é o fermento dos nossos progressos e das modificações para melhor que estes provocam e autorizam.

Os professores que façam esta experiência. Peçam-nos espécimes e ponham-nos à disposição dos alunos. Compreenderão, pelas reacções das crianças, que a nossa fórmula de Jornal Escolar está verdadeiramente ao alcance das crianças e terão a certeza de que será um êxito a iniciativa que empreenderem para darem às classes que ensinam um Jornal Escolar.

(‘) Cf. C. Freinet, *Essai de psychologie sensible appli-quée à l'éducation*.



A CAIXA DE TIPOS

O JORNAL ESCOLAR: FORMA E APRESENTAÇÃO

O jornal escolar é, como dissemos, uma realização original cujas normas são diferentes das dos jornais de adultos.

A sua apresentação, no entanto, nem por isso deixa de obedecer a um certo número de regras que procuram obter, no gênero que se previu, um máximo de perfeição.

a) O jornal deve ser bem impresso. A perfeição da tiragem, é uma condição 'sine qua non' do êxito de um jornal, seja qual for, mesmo de um jornal escolar.

O material que está actualmente ao alcance das escolas permite resultados muito satisfatórios que devemos exigir aos pequenos tipógrafos.

Deve estabelecer-se como princípio e como regra que só se imprime um texto normalmente composto e sem erros; que a equipa deve funcionar com a maior aplicação, com uma boa tintagem e uma pressão uniforme. As máquinas automáticas param quando um incidente anormal compromete a tiragem. As crianças deverão parar quando o resultado não está a ser satisfatório.

b) O texto deve ser ajustado, isto é, as linhas devem ter, tanto quanto possível, o mesmo comprimento.

c) É preciso ter um cuidado muito especial com a composição de cada página. É neste ponto que julgo dever incidir o essencial da iniciação e da aprendizagem. A arte da edição é, em grande parte, a arte de compor uma página.

Os novatos têm tendência para agrupar, o mais cerradamente possível, todos os caracteres do material para fazerem caber numa página um número máximo de linhas.

É preferível não meter numa página senão metade do texto mas numa forma equilibrada, bem espaçada e agradável, que apresentar um material compacto que é indigesto e não apetece ler.

Um texto é como um quadro. É preciso que o conjunto seja agradável e repousante. Para isso:

— Os caracteres não devem ser excessivamente pequenos (o corpo

12 é o mais legível); um corpo 10 pode ser pequeno demais, difícil tanto para a leitura como para a composição;

- Os títulos devem vir em maiúsculas;
- O texto deve ser entrelinhado, deixando além disso um bom espaço em branco ao alto e em baixo da página;
- Sendo possível, deve ter algumas ilustrações e desenhos, a preto ou a cores.

Esta preocupação com a composição da página necessita, como se vê, de aplicação e prática. Mas é uma tarefa muito educativa. Dá às crianças o gosto artesanal pelo trabalho bem feito, que tão precioso é para a formação das personalidades na época em que vivemos.

d) O texto deve estar perfeito e sem gralhas.

A correcção tipográfica é a conclusão normal da correcção ortográfica e sintáctica levada a cabo durante o aperfeiçoamento colectivo dos textos livres.

Não se deve começar nenhuma tiragem antes de a criança responsável e, em último caso, o professor, terem dado o seu acordo.

e) O jornal deve ser ilustrado. Pode utilizar-se:

- A ilustração à mão, a preto e colorida, sobretudo nas aulas dos mais pequenos;
- O lino gravado,
- O limógrafo;
- A policopia;
- As fotografias em ‘texticroche’.

Se o Jornal Escolar tiver um aspecto agradável, se o seu conteúdo for a expressão original da fecunda vida das crianças, interessará por certo os pais e os correspondentes.

Voltaremos, de resto, a falar mais adiante, do conteúdo do jornal, nas suas relações com a vida criadora da criança no seu ambiente.

Dito isto, gostaríamos agora de apresentar alguns jornais de crianças para apontar as suas características, mostrar o seu valor e o seu alcance e para que os nossos leitores se apercebam que, nesta perspectiva, cabem todas as idades, todos os graus de ensino, todos os meios e todas as iniciativas.

LE CHIEN

Ma sœur Jeanine a préparé en silence
sur l'aire une chaise et un livre. Elle
est allée chercher Labric :

« Viens à l'église mon enfant ! » Elle a
posé les deux pattes du chien sur le
dossier et a entonné d'une voix douce
« Ave Maria » tandis que son fils d'adop-
tion grondait sourdement. Mais bientôt
Labric se lassa de la messe et s'é-
fuit en bousculant la chaise et sa mère

— G CADILLON



O CÃO

A minha irmã Jeanine preparou em silêncio na eira uma cadeira e um livro. Foi buscar o Labric:
«Vem à igreja, meu filho!» Colocou as duas patas do cão sobre o livro e entoou docemente «Ave Maria» enquanto o seu filho adoptivo rosnava surdamente. Em breve porém Labric se cansou da missa e fugiu empurrando a cadeira e a sua mãe.

G. Cadillon

I - CLASSES INFANTIS

Os nossos jornais escolares mais belos e mais originais são os das classes infantis.

Segundo o nosso método, as crianças, antes mesmo de saberem escrever, falam de si próprias e contam a sua vida. Escolhemos em comum o texto que mais interessa à classe em conjunto. Este texto é escrito no quadro. É lido, ilustrado, composto em grandes caracteres de corpo 36 ou 24 e impresso.

Mesmo que a professora não esteja muito liberta dos hábitos escolásticos — e a este nível é fácil — os textos assim recolhidos têm sempre um sabor e uma poesia que dificilmente são igualados pelas produções dos adultos.

Pensou-se durante muito tempo que para interessar uma criança se devia obrigatoriamente ir vasculhar no folclore e nos contos tradicionais, utilizar incansavelmente o maravilhoso e o extraordinário. E de repente apercebemo-nos, usando o nosso método, que, pelo contrário, a criança se preocupa sobretudo com os elementos naturais e quotidianos da sua vida a despertar. Reencontramos a verdadeira linguagem infantil, de que os nossos jornais escolares são a revelação surpreendente.

A este nível escolar, os textos são normalmente curtos, compostos em linhas bem destacadas, sem preocupação de dar a todas as linhas o mesmo comprimento, mas contendo em geral uma idéia ou uma frase por linha, o que facilita a compreensão e portanto a leitura.

De tempos a tempos, um texto mais longo, um conto infantil, a vida de um animal, um acontecimento da aula, preenche um número do jornal e fornece matéria para um desses álbuns maravilhosamente ilustrados que depois reproduzimos na nossa coleção «Álbuns de Crianças».

Contrariamente ao que poderia supor-se, estes jornais são muito apreciados pela correspondência interescolar que, já a este nível, nos dá uma motivação sem paralelo. A criança não situa bem a aldeia donde lhe chegam os jornais, mas as cartas, os desenhos, as fotografias que os acompanham são para ela uma presença de que é difícil avaliar todas as vantagens inigualáveis, quer a nível escolar quer pessoal.

Presque

tout le monde

a eu

la varicelle

cette année



Quase
toda a gente
teve
varicela
este ano
Martine
Jean-Daniel
com
a varicela

II — DA PRIMEIRA À TERCEIRA CLASSE

E este o nível a que o jornal é mais precioso. A criança nesta fase começa a interessar-se pelo mundo que a rodeia e pela vida dos seus correspondentes. Dá-nos então sobre a sua própria vida alguns documentos reveladores, que são bases inestimáveis para a nossa pedagogia funcional.

Os textos são, em geral, compostos em corpo 18 ou 24, mais longos, e ilustrados com desenhos ou linogravuras.

III — QUARTA CLASSE E TERMINAL

O Jornal Escolar toma, nesta fase, um aspecto mais adulto, com textos que reflectem melhor a acti-vidade social circundante. Os documentários e os inquéritos, feitos muitas vezes para responder a perguntas dos correspondentes, e tirados no limógrafo, ocupam nele muito espaço.

Esta parte, a que poderíamos chamar técnica, é contrabalançada, de resto, por muitos textos originais que prosseguem, enriquecendo-a e amadu-recendo-a, a tradição das etapas precedentes: cenas da vida infantil, trabalhos e jogos, sem esquecer as páginas literárias e poéticas que dão a alguns jornais um valor inigualável.

Ao ler ou simplesmente folhear estes jornais, comprehende-se que o Jornal Escolar não tem que copiar os jornais de adultos, que pode ter um valor autônomo, um conteúdo e uma apresentação que justificam o seu êxito.

Os nossos jornais —como teremos ocasião de voltar a referir na segunda parte deste livro — são, antes de mais, «afectivos». Um jornal adulto é impessoal ou, como se diz em linguagem técnica, objec-tivo. A moda do «correio sentimental» tende, de resto, a corrigir essa frieza, de uma maneira que infelizmente merece críticas que, de resto, têm chovido de toda a parte.

Em todos os nossos jornais escolares de crianças até aos dez ou doze anos, predomina o carácter afectivo. A criança, mesmo quando descreve, associa intimamente as suas reacções, as suas sensações e os seus sentimentos à narrativa que destina ao seu jornal.

Os jornais dos nossos alunos mais velhos têm, em contrapartida, uma

LE MOTO CROSS

Je vais vous raconter le moto-cross de Dreux.

Près du circuit, de nombreux agents régulent la circulation pour éviter l'embouteillage. A l'entrée de la sablonnière, je pago et je rentre.

Une piste accidentée zigzague parmi la foule des spectateurs et 3 hommes s'entraînent sur leurs motos.

Vers 3 heures le haut parleur annonce le départ des 250 cm³. Dans un ronflement de moteurs 8 partants

L'abatage des peupliers.

L'hiver dernier, aux environs de Noël, deux bûcherons sont venus abattre 10 peupliers dans la prairie de Mme Auquier.

A l'aide de leur cognée, ils enlevèrent d'énormes copeaux au pied de chaque arbre. Les dix peupliers furent ainsi préparés, prêts à tomber.

Alors un ouvrier, les pieds armés de griffes,

A CORRIDA DE MOTOS

Vou contar-vos a corrida de motos de Dreux. Perto do circuito, muitos policías regulam a circulação para evitar engarrafamentos. A entrada da pista, pago e entro.

Uma pista acidentada zigzagueia entre a multidão de espectadores. Por volta das três horas o altifalante anuncia a partida das de 250 cm³. Com alarido de motores oito participantes partem.

O ABATE DOS ALAMOS

No Inverno passado, por volta do Natal, dois lenhadores vieram abater 10 álamos na propriedade da Sra. Auquier.

Com a ajuda do machado, arrancaram enormes lascas nos troncos das árvores. Os dez álamos ficaram então prestes a cair. Entrão um operário com sapatos com pregos...

parte de informação «objec-tiva». Não é desejável que essa parte seja predominante, porque rapidamente arrastaria as nossas produções para uma escolástica fria e perderiam automaticamente, todas as virtudes.

Não devemos esquecer que, mesmo a este nível, o que tanto as crianças como os adultos procuram no jornal escolar não é a informação, que é muito mais rica e exacta nos livros e nas revistas, mas a vida da criança, as suas reacções perante o mundo, as suas hesitações, os seus temores e os seus triunfos.

Deve haver certamente um amadurecimento desejável nos nossos jornais, de acordo com a idade das crianças. Mas o amadurecimento é a lenta formação de um fruto e das sementes de acordo com os processos naturais do crescimento e da vida. Devemos evitar interromper esse fluxo pois não produziríamos senão frutos secos, incapazes de virem a ser fecundos.

IV —O JORNAL ESCOLAR NAS CLASSES ÚNICAS

As classes únicas das nossas aldeias são o meio mais favorável ao nascimento e desenvolvimento do Jornal Escolar.

Já referimos por que razões as nossas técnicas eram as únicas que permitiam, nas aulas de qualquer classe, o trabalho individualizado e, simultaneamente, socializado, que permite encarar com optimismo uma das mais complexas tarefas pedagógicas.

O Jornal Escolar é o reflexo dessa diversidade e dessa complexidade. Acrescentemos a esta vantagem a de que a escola de aldeia está, por natureza, melhor integrada no seu meio que a escola urbana, na aglomeração anônima da cidade. Naquela, as crianças são menos deformadas, menos despersonalizadas; o Jornal Escolar é para elas uma iniciativa séria, de que sentem os objectivos e os resultados.

A própria correspondência interescolar é mais familiar e portanto mais eficiente. As viagens de intercâmbio, que muitas vezes a completam, são acontecimentos, simultaneamente escolares, administrativos e sociais que influenciam de forma decisiva os destinos da Escola.

V — O JORNAL ESCOLAR NAS ESCOLAS URBANAS DE VARIAS CLASSES

Pudemos beneficiar durante vários anos do exemplo concludente da escola Louis-Blanc, no Havre que, sob a direcção de Le Baleur e com uma equipa de professores, todos adeptos do nosso método, funcionou com as suas onze classes completamente modernizadas.

Esta escola oferecia então o espectáculo a que poderemos quase chamar didáctico de uma diversidade de instalações que permitia que cada classe trabalhasse; segundo as possibilidades e o grau de ensino dos seus alunos.

As classes do mais pequenos faziam todos os meses o seu jornal, em corpo 36 ou corpo 24; outras, usavam corpo 18 ou corpo 14. As classes mais adiantadas faziam belos jornais impressos em corpo 12 ou corpo 10.

O próprio director adquirira uma impressora automática 21 X 27 que permitia a edição mensal de algumas páginas comuns que, apensas ao jornal de cada aula, constituíam como que um traço de união entre elas.

A superlotação catastrófica das classes provocou a desagregação da equipa e a paralisação total de uma experiência que, estamos persuadidos, recomeçará noutra escola qualquer, alimentada e estimulada pelas realizações anteriores, logo que uma melhoria das condições escolares — com vinte cinco alunos ‘por aula’ — o permitir.

Se a modernização das escolas urbanas rara- ‘mente permite esta unanimidade, as experiências com jornais escolares são, no entanto, numerosas nos grupos. Em virtude das dificuldades pedagógicas devidas à organização do trabalho e à superlotação das classes, a parte que nesses jornais cabe ao limógrafo é muitas vezes importante, excessivamente importante mesmo.

Nessas escolas, a difusão dos jornais continua, como é natural, ligada ao problema complexo da pedagogia nas escolas de aglomerados muito populosos.

VI — CLASSES DE APERFEIÇOAMENTO, DE IN ADAPTADOS, ATRASADOS, LARES DE CRIANÇAS, HOSPITAIS, ETC.

A pedagogia das crianças normais pode às vezes iludir os observadores superficiais porque elas têm em si próprias recursos suficientes para

vencerem as dificuldades acumuladas pela escolástica. Estas crianças tiveram êxito «apesar da escola». Tanto mais êxitos teriam se a Escola as tivesse ajudado melhor a cultivarem-se, a criarem e a desenvolverem-se.

O mesmo não acontece em relação à grande massa de crianças que, não sendo anormais nem intelectualmente atrasadas, se não adaptam, por razões múltiplas, às concepções, práticas, técnicas ou à disciplina da escola tradicional. Com estas crianças, a Escola falha em grande escala e a pedagogia oficial, tendo sido obrigada a curvar-se à evidência, procura nas vias da Escola Nova as soluções sociais e humanas de que sente a necessidade.

É para esta grande massa de crianças que não podem adaptar-se aos métodos tradicionais que a prática do Jornal Escolar revela maior eficácia. Usando o texto livre e o jornal, colocamos a nossa pedagogia à medida e ao ritmo das crianças e restabelecemos os laços afectivos: crianças, escola, pais, meio ambiente, cuja ruptura é tão sensível.

O Jornal Escolar, pelas técnicas Freinet da imprensa na Escola, e o intercâmbio escolar que ele permite, tornar-se-ão em breve elementos dominantes da pedagogia em todas as classes de ensino especial. Esta prática expande-se muito rapidamente nas classes de aperfeiçoamento; fizeram-se experiências interessantes no ensino das crianças atrasadas, sobretudo com disléxicas e surdas-mudas; em breve todos os lares de crianças terão uma tipografia e um jornal. Temos jornais de sanatórios e de hospitais de crianças.

Em toda a parte os resultados obtidos confirmam o valor pedagógico do utensílio novo que preparamos, para a Escola de hoje e de amanhã.

VII — O JORNAL ESCOLAR NO CURSO COMPLEMENTAR E NO SEGUNDO GRAU

A experiência do Jornal Escolar foi metódica e conclusiva para o primeiro grau.

Terá ela o mesmo alcance para lá dos 13 e 14 anos, nos cursos complementares e do segundo grau? Não temos a mais pequena dúvida acerca disso. Os princípios psicológicos que estão na base das nossas realizações têm um alcance que, ultrapassando o meio escolar, é suscetível de renovar os próprios elementos da cultura em todos os graus.

Mas as fórmulas que estabelecemos experimentalmente e que

correspondem às nossas necessidades de crianças e educadores do primeiro grau não devem ser transpostas sem modificações para outros meios. Cabe aos educadores desses graus a tarefa de adaptar as nossas próprias realizações e êxitos às suas próprias classes.

O jornal escolar nos cursos complementares e no segundo grau deverá ser como um meio caminho andado entre os nossos jornais do primeiro grau e os jornais adultos.

A própria instalação técnica será diferente, permitindo uma tiragem com o formato 21 X 27 ou formato escolar, tendo, de preferência, prensa automática e limógrafo automático 21 X 27. Também é necessário, a este nível, evitar a escolástica, não fazer dos textos impressos temas para deveres ou para lições, procurar incessantemente as grandes linhas profundas do verdadeiro interesse, dos alunos e sobretudo utilizar para um intercâmbio, que será precioso a este nível, as novas possibilidades dos periódicos.

VIII — O JORNAL ESCOLAR NA PEDAGOGIA DA UNIÃO FRANCESA

As razões que tornam o jornal escolar precioso para as crianças de escolaridade difícil valorizam-se ainda mais profundamente para o emprego do jornal escolar nas escolas da União francesa.

Os defeitos de uma escola tradicional que faz tábua rasa dos pensamentos e modos de vida das crianças e lhes pretende impor, autoritariamente, uma cultura que se julga superior, são ainda mais agravados numa pedagogia que transplanta tal e qual para os países ultramarinos, as práticas cujas deficiências apontámos.

Já é grave ensinar história aos pequenos franceses por meio daqueles resumos que nós aprendemos: «Dantes o nosso país chamava-se Gália e os seus habitantes Gauleses...» Mas tudo se torna ridículo e cômico no momento em que uma pedagogia que não se distingue nem pela lógica nem pela iniciativa impõe estes mesmos resumos aos africanos.

Já lamentámos que o ensino tal como se pratica em França seja uma caricatura da experiência viva dos indivíduos e das gerações.

Quando se trata de crianças dos diversos países da União francesa, esta cultura artificial é ao mesmo tempo um erro e uma maldade.

Pelo jornal escolar, pelo contrário, a experiência, o conhecimento e a cultura vêm de baixo, da vida das crianças do povo. Em vez de considerar como nulos os hábitos de vida e os costumes que são, afinal de contas, determinantes de todo o comportamento social, partimos deliberadamente desta realidade: as crianças contam, exactamente como os pequenos franceses, o essencial da sua vida, tão diferente aliás, em tantos pontos, da nossa. É possível que, de início, um certo número de tabus limitem as crianças e a escola nesta expressão do meio ambiente; maior razão para perserutar esta realidade e para construir sobre ela a pedagogia que preparará a verdadeira cultura.

Foram feitas numerosas experiências de jornais escolares não só no Norte de África, onde a imprensa escolar franco-árabe está muito desenvolvida, mas em toda a África Negra e até nos povos nômadas da Nigéria e do Hogar, em Madagascar, Reunião, Taiti, Novas-Hébridas, etc.

Seria desejável que, com a colaboração da Unesco, estas experiências fossem coordenadas, alargadas e depois integradas nas fórmulas educativas que as organizações internacionais se esforçam por pôr à disposição dos povos empenhados na procura de uma formação válida, de uma cultura eficiente e humana.

IX —O JORNAL ESCOLAR PROGRIDE RAPIDAMENTE EM VÁRIOS PAÍSES DO MUNDO

Foi naturalmente nos países vizinhos da França que o jornal escolar método Fremet se aclimatou mais rapidamente.

Os jornais escolares italianos, hoje muito numerosos, parecem-se com os nossos jornais franceses como duas gotas de água: têm a mesma fórmula, com base em textos livres vivos, a mesma apresentação, a mesma utilização para intercâmbios. A República de São Marino equipou todas as suas classes com vista à edição de jornais escolares.

Os numerosos jornais escolares suíços acrescentam à nossa fórmula uma nota de qualidade, que só é louvável na medida em que não prepara uma esco-lasticização que tememos acima de tudo.

Na Bélgica, na região de Decroly, os jornais escolares são também numerosos mas mais influenciados pela prática de centros de interesse que nem sempre lhes é favorável.

Os jornais escolares alemães têm uma tipografia mais austera, mas são ricamente ilustrados com linos gravados que retomam e continuam a tradição dos gravadores da Idade Média.

A Holanda tem belos jornais, seguindo rigorosamente as nossas técnicas. Alguns jornais dinamarqueses, noruegueses, suecos, gregos, são uma vanguarda do nosso movimento nos países que a distância e a língua tornam mais difficilmente influenciáveis pelo nosso movimento.

No Novo Mundo, são Cuba e sobretudo México que apontam o caminho. Os nossos antigos adeptos espanhóis, hoje refugiados na América Central (¹), souberam valorizar a técnica e o espírito. Nada é mais vivo, nada está mais perto da vida original das crianças, nada é mais impressionante como tiragem do que os jornais da Escola Experimental Freinet de Santo André Tuxla (México).

O movimento dos jornais escolares desenvolveu-se igualmente em toda a América do Sul onde lhes chamam «periódicos escolares». São escritos pelas crianças, mas mais orientados tendo em conta a ligação com o meio. São muitas vezes jornais de aldeia cuja influência sobre a educação e a cultura não pode deixar de ser eficaz. Alguns destes jornais são impressos, outros são tirados a Roneo.

Sob a direcção de Alice Freire de Maciel, foi criado um Instituto Cooperativo da Escola Moderna que funciona em Montevidéu. Coordena as iniciativas e as realizações que marcam doravante a pedagogia destes países.

Nesta difusão através do mundo da experiência do jornal escolar vemos não só uma prova encora-jante do progresso da nossa pedagogia, mas também as possibilidades que podem ser exploradas por uma psicologia e uma pedagogia partindo do elemento primordial: A criança no seu meio ambiente.

(¹) Referência à guerra civil espanhola (N.T.)



Wie ich einen Aal mit der Ha fangen habe

Als ich einmal an den Froschk an der Mosel war, wollte ich klein lein fangen. Da hob ich einen sc Stein auf. O weh, da kam auf eini Aal heraus. Ich erschrak heftig, pac aber sofort am Schwanz. Aber er

Dimos las mañanitas a nues-
tros Maestros, nos levantamos
a las 5 de la mañana para can-
tarles.



Las hojuelas están hechas...

AS VIRTUDES DO JORNAL ESCOLAR

Uma experiência de 30 anos deu abundantes provas de que o jornal escolar é uma realização original, que interessa a crianças, pais e educadores.

Mas serão estas qualidades suficientes para colocar o jornal escolar ao nível de um utensílio de trabalho recomendável à classe, serão estas qualidades predominantes e susceptíveis de se contrapor às vantagens dos métodos pedagógicos que têm a seu favor, talvez não a eficiência mas pelo menos a majestade de longas tradições? A «perda de tempo» ocasionada por uma actividade manual que a pedagogia tradicional considerava ultrapasada por um intelectualismo precoce, será compensada por outras vantagens substanciais?

Resumindo: na balança sempre parcial onde será pesada, a prática do jornal escolar estará suficientemente bem firmada para suportar a adesão dos pais e educadores?

É a demonstração que nos resta fazer e que apresentaremos, não sob um ponto de vista filosófico ou teórico, mas reportando-nos sempre aos ensinamentos de milhares de realizações doravante tornadas autoridade.

Não temos a protensão de pensar que os testemunhos que iremoü apresentar obtenham de chofre a adesão dos leitores. Basta que fiquem abalados, que uma dúvida lhes nasça no espírito sobre a legitimidade dos métodos que consideram soberanos, que sejam obrigados a reflectir e a ponderar...

Sabemos que as comparações, onde quer que se façam, nos serão sempre favoráveis.

VANTAGENS DO JORNAL ESCOLAR

Hesitámos sobre a questão de saber se devíamos começar pela psicologia ou pela pedagogia, neste exame das virtudes essenciais do jornal escolar.

Sabemos bem que, em definitivo, são as vantagens psicológicas de um método que têm a predominância, que assentam as práticas escolares sobre bases vitais e decidem em definitivo o seu sucesso. Mas como técnicos, os nossos leitores quererão, sem dúvida, saber se este utensílio novo lhes pode verdadeiramente prestar serviços, e de que espécie, se a sua polivalência está à medida da classe, numa palavra, se estarão em posição de tirar dele o proveito escolar esperado.

Esta preocupação é legítima e aqui está a razão porque lhe damos resposta em primeiro lugar, de antemão psevenindo os leitores:

- Que a psicologia e a pedagogia estão necessariamente ligados e que os dois capítulos que tratam cada um de um aspecto separado da questão estão, na realidade, totalmente dependentes um do outro;
- Que as nossas demonstrações, por mais vigorosas que sejam, só dirão verdadeiramente alguma coisa aos educadores na medida em que estes se tenham libertado da obsessão dos métodos tradicionais.

As nossas inovações não teriam direito ao título de «método» se não trouxessem unicamente aperfeiçoamento técnico a práticas cujo valor pedagógico é hoje correntemente contestado e se não tivessem o objectivo de facilitar as lições, sistematizar a memorização, servir as aquisições —sintácticas, gramaticais, literárias, históricas ou científicas— de que a Escola fez, até agora, o essencial do seu programa.

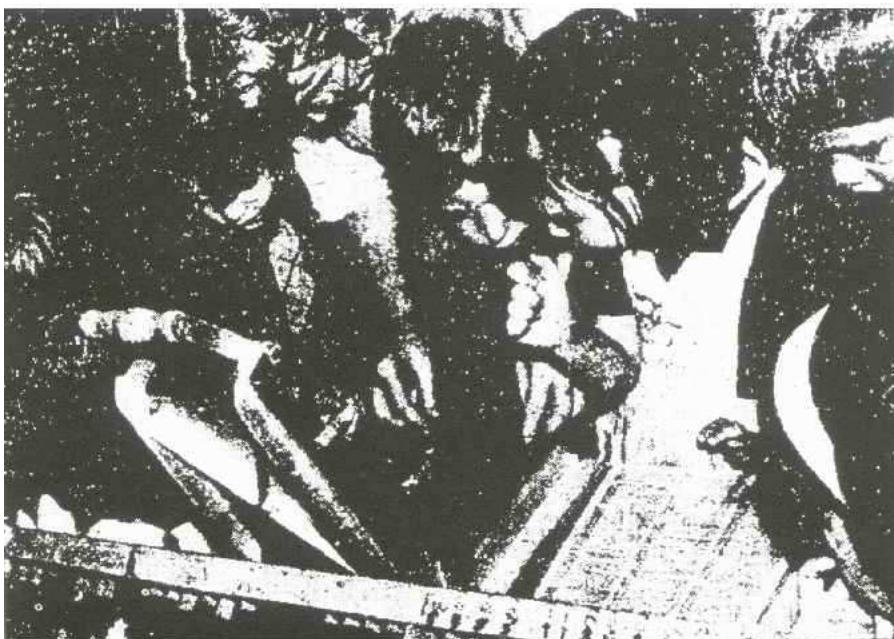
Reconsideremos simultaneamente os meios e os objectivos dos nossos esforços de educadores. Para além destes embriões de noções científicas e de aquisições — que todavia não desprezamos — pensamos influir de uma forma determinante sobre a formação profunda dos indivíduos, sobre

a sua capacidade geral de melhor cumprir a sua função de homens e cidadãos.

Será necessário não medir apenas as vantagens do jornal escolar segundo normas escolásticas, mas de preferência à luz de uma concepção pedagógica em condições de afirmar a sua superioridade e que terá dentro em pouco, além disso, a sanção oficial.

É necessário evitar qualquer preconceito no exame a esta mercadoria que apresentamos: não deve ser examinada na penumbra da nossa loja, nem na claridade enganadora de uma iluminação modernizada. É na realidade da luz natural que se aprende a apreciá-la porque saberemos então que o nosso julgamento não foi falseado.

Um jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida.



A COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

VANTAGENS PEDAGÓGICAS

As vantagens pedagógicas do jornal escolar confundem-se com as do Texto Livre de que constituem a mais eficaz das motivações.

Já afirmámos: sem o jornal escolar, a prática hoje quase geral do texto livre fica decapitada e privada de elementos vitais que justificam e impõem a sua permanência.

A criança sente a necessidade de escrever, exactamente porque sabe que o seu texto, se for escolhido, será publicado no jornal escolar e lido, portanto, pelos seus pais e pelos correspondentes; por isso sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação.

1.º A obsessão de um ensino metódico da língua poderá ser dominada na aula com o jornal escolar. Usando um método natural, sem redacções formais, sem repisamento gramatical, poderá atingir-se:

- Uma expressão correcta e viva, cujo valor: é sancionado pelos exames habituais;
- Uma ortografia natural, livre de todas as crises de dislexia, para as quais uma pedagogia morta em vão procura os remédios;
- Um desejo, uma necessidade de escrever e de ler, de experimentar e calcular que estão na base de uma formação de cultura.

2.º As trocas interescolares

Os meios actuais de intercomunicação fazem disso uma necessidade.

No ensino primário, a troca feita apenas a partir de cartas, como se pratica no segundo grau, é ineficaz e frágil, porque a criança não tem ainda suficiente aptidão técnica para manter essa correspondência.

O jornal escolar é, o utensílio indispensável ao intercâmbio escolar, sobretudo no ensino primário.

Pelo jornal escolar, a escola estará doravante ligada a várias escolas semelhantes à nossa, situadas em diversos pontos da França e do mundo.

Pela troca de textos impressos, poderemos entrar em contacto com meios familiares, industriais, comerciais, agrícolas, folclóricos e artísticos e estes conhecimentos constituirão um alargamento benéfico do nosso conhecimento escolar.

Em seguida, poderá haver uma troca de cartas, fotografias, encomendas, produtos regionais.

A curiosidade comum será aguçada e assim se poderá preparar uma forma de escola totalmente diferente daquela a que estávamos habituados e submetidos.

O jornal escolar terá sido o instrumento vivo desta renovação.

No fim deste livro damos todas as indicações sobre o intercâmbio escolar e as suas vantagens pedagógicas.

3.º O jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca à escuta do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida

Mesmo contra vontade, ultrapassaremos o meio escolar para mergulhar no meio social. Assim o nosso ensino será fertilizado.

Uma escola que edita um jornal escolar só não pode continuar a trabalhar segundo as normas habituais. Pela força das coisas, está na via da modernização e do progresso.

4.º O jornal escolar é o arquivo vivo da aula

Um dos inconvenientes da Escola tradicional é o de não deixar nenhum traço que possa testemunhar em seu favor. É como uma máquina que trabalhasse no vazio e não produzisse nada.

Houve uma altura, no princípio do século, em que os mestres e alunos se orgulhavam de manter os cadernos com uma caligrafia impecável, com títulos em letra redonda e traços minuciosos — ou cadernos mensais e de recolha de poesias e de fábulas.

Era um objectivo, escolar, é certo, mas que podia, em muitos casos nessa época, motivar o cuidado e a aplicação.

Por razões múltiplas, relacionadas sem dúvida, mais com a modificação dos modos de vida do que com a índole particular dos mestres e das

crianças, essa era terminou. Já não se guardam os cadernos da aula porque eles deixaram de ser êxitos, face à riqueza das actuais produções da técnica. Agora, os trabalhadores partem de mãos vazias, sem nada que lhes lembre alguns momentos exaltantes de uma vida escolar que se desenrola à margem do comportamento individual e social e, por isso mesmo, sem influência e sem alcance sobre ele.

Por meio da imprensa e do jornal escolai, os «momentos» memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente sob uma forma que desafiará os anos, como aquelas fotografias de família a que a luz dos séculos não conseguirá nunca apagar os traços. Esquecemos o que abrangia o programa escolar de uma certa segunda-feira, mas lembramo-nos do pedaço de vida que redigimos e imprimimos, do jornal no qual foi incluído, dos desenhos e linos que o realçavam, das impressões trocadas, das interrogações feitas e das respostas obtidas, dos textos lidos e dos poemas saboreados.

Para o professor, assim como para a criança, cada página do jornal é como um degrau na lenta escalada da educação e da cultura: ela materializa e idealiza o esforço. É a medida da Escola.

Experimentemos redigir um jornal escolar. Nós e os nossos alunos ficaremos orgulhosos da nossa obra comum. Tivéssemos apenas este orgulho na nossa aula e ele dar-nos-ia a certeza de estarmos a pisar o caminho da conquista e do progresso, o caminho certo.

Mesmo as crianças que destroem sem piedade tudo o que lhes lembre a escola, conservam religiosamente estes arquivos familiares. Quando, muitos anos mais tarde, tiram da gaveta das velharias os textos impressos que foram a expressão da sua acti-vidade de crianças, revivem a sua vida. Cada palavra, cada frase, cada texto estão ainda carregados de recordações, como aqueles discos ou fitas gravadas que conservam através dos anos, não apenas a materialidade fria dos gestos e das acções, mas também a tonalidade afectiva que lhes dá um valor humano indelével.

5.º Teremos uma obra para mostrar

O camponês mostra-nos com orgulho o campo rico de erva ou de espigas abundantes; a dona de casa faz-nos admirar os seus cobres ou o seu gato, o artesão conserva na sua oficina as obras-primas que constituem títulos de nobreza. O professor nada tem na aula que possa testemunhar

a sua ciência e devoção. Sente bem — e os pais sentem com ele — que uma página com uma linda caligrafia já não é uma obra-prima, nem as lições bem sabidas nem os deveres bem feitos.

E contudo é necessário que a Escola afirme a sua fecundidade produzindo uma obra que não seja exclusivamente abstracta, mas também não apenas material, que esteja imbuída de uma suficiente espiritualidade para autenticar a sua função eminente.

A página da vida e o jornal escolar constituem exactamente essas obras-primas quotidianas que são o ponto de ligação entre a destreza manual e o pensamento subtil e profundo; esses gestos eloquentes que, ultrapassando a matéria e a acção, tocam nas forças vivas do ser cujo florescimento virão a animar. E dado que os nossos textos impressos e os jornais encerram em si simultaneamente esta forma e conteúdo exaltantes, ninguém poderá ficar insensível perante eles.

Depois de darmos na aula, como bons professores, a nossa lição de moral, depois de termos preparado os exercícios de vocabulário e de gramática; depois de termos ditado os textos e resolvido os problemas, fica-nos uma sensação de insatisfação porque a nossa consciência não pode ainda reposar sobre nenhum resultado definitivo. Ao fim do dia, estamos como o camponês que revolveu a terra, mas não pôde, por falta de tempo, lançar a semente; como o marceneiro que aplaniou as pranchas mas nada pôde fazer com elas e pergunta a si próprio se os móveis tomarão forma e que forma será essa; como o pedreiro que começou várias obras num sítio onde apenas se vê terra revolvida e tijolos espalhados.

O texto livre a que acabámos de dar os últimos retoques, o poema que canta a vida, o lino que o exalta, a bela página que sai, comovente, do prelo, o jornal que acabámos de agrafar e se folheia à laia de um exame de consciência positivo, todas estas coisas são sólidas e definitivas; agora só nos falta içar a bandeira. Para nós e para aqueles que a vigiam ou a controlam, a Escola adquire um sentido, um objectivo e um significado.

Nada é mais desesperante, tanto para os professores como para as crianças, do que cavar sempre o mesmo sulco sem ver germinar a colheita. Todos temos necessidade de êxitos tangíveis. O Jornal Escolar é um deles.

E não apresentaremos apenas o comum da nossa obra, mas também as produções admiráveis e excepcionais, com as quais não pouparamos nem

talento nem trabalho: a linda página ilustrada a cores, para a qual o ajustamento dos linos nos exigiu tanto cuidado e atenção, o número especial geográfico ou histórico a ser oferecido aos pais e assinantes como testemunho das novas preocupações da Escola, álbum iluminado que várias gerações de crianças irão folhear, ou muito simplesmente o programa ilustrado da festa do fim do ano.

O jornal escolar é uma «produção», uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa. Põe-nos no caminho de uma fórmula nova de escola, aquela escola do trabalho cuja necessidade começamos a sentir, que já não trabalha segundo normas intelectualizadas, mas sim com base numa actividade social.

Doravante, a Escola, como a oficina do artesão e a fábrica, deve ter criações para valorizar, obras—primas a executar, «produções» que legitimem os métodos empregados e os nossos esforços comuns para obter êxito.

Na Escola-oficina de amanhã, os companheiros aprenderão outra vez, como o pedreiro no seu andaime, a cantar e a assobiar.

6.º Como toda a associação de trabalhadores, a escola deve ter o seu boletim de ligação e de acção A sociedade de caça tem o seu boletim periódico

que mantém entre os meml -os o mínimo de coesão indispensável. A sociedade musical ou a associação folclórica — e a Igreja também — têm o seu pequeno jornal.

A Escola terá o seu jornal escolar

Houve uma altura em que a função da Escola, como a de um padre na igreja, só podia realizar-se na austeridade de um recinto fechado onde apenas ressoassem os ensinamentos do mestre. Era uma época, infelizmente ainda hoje não totalmente ultrapassada! em que janelas da altura de um homem isolavam a escola do exterior em vez de se abrirem à luz e ao sol, a época em que se aplicavam ainda rigidamente os regulamentos que proibiam a entrada na aula a qualquer pessoa estranha ao ensino.

A Escola abre-se — ou, pelo menos, entreabre-se; os pais começam a pensar que não têm o direito de se desinteressar dela e os professores pouco a pouco vão-se adaptando a esta secularização das suas funções. É necessário que fomentemos estes contactos e relações entre a Escola e o meio, entre a Escola, as autoridades de ensino e os pais, mas devemos fazê-lo não apenas na base de um formalismo superficial, mas segundo um processo novo, orgânico e profundo.

Por meio do texto livre, da imprensa e do jornal, vamos buscar, não aos livros mas à vida e ao trabalho dos homens, os próprios fundamentos da cultura a promover; falemos a linguagem do meio, aproveitemos a experiência tão rica hoje de um mundo cujo ritmo pelo menos devemos seguir se não o soubermos preceder — e isso deveria ser, no entanto, o verdadeiro papel de uma educação que preparasse as crianças, não para o passado ou para o presente, mas sim para os amanhãs que terão de enfrentar e dominar.

Mesmo se não virmos a necessidade, por enquanto, de uma exploração pedagógica do jornal escolar, temos necessidade, no nosso bairro ou na nossa aldeia, de um boletim de intercomunicação e de ligação. O jornal escolar constitui a solução prática desejável.

7.º O nosso jornal escolar será o «reflexo da nossa aula»

Pelo aspecto de um jardim ou de um campo, avaliamos as qualidades essenciais do camponês; pelo acabamento e beleza de um móvel ou de uma casa julgamos o talento do marceneiro ou do pedreiro.

O nosso jornal escolar falará por nós. Certamente será a expressão das crianças que terão sido os seus principais artesãos. Mas o valor dos seus textos, o cuidado e a arte postas na apresentação, a humanidade e a espiritualidade que dele se libertam, são justamente os produtos da Escola, os frutos da nossa pedagogia.

Quando passamos diante de um jardim bem cuidado, mesmo que a mão do homem não tenha domes-ticado os rebentos como nos canteiros demasiado geométricos de certos lugares públicos, não dizemos simplesmente: que boa terra! e que lindas plantas! Dizemos também: que jardineiro tão hábil e sensível !

E quando a casa está pronta, com a sua fachada e adornos, não pensamos

que foi o valor dos materiais que permitiu esta obra-prima. Queremos saber o nome do empreiteiro, dos operários e do arquitecto.

Diz-se que a grafologia é uma ciência. Em todo o caso, começa-se a admitir que ela possa trazer dados preciosos sobre a complexidade, o comportamento e as tendências de quem escreve. Nos jornais escolares, como se se tratasse de uma escrita pessoal, lemos estes testemunhos novos da nova ciência pedagógica.

8.º O trabalho bem feito

Em todos os domínios, o trabalho bem feito é sinal de um equilíbrio feliz, de uma concentração sempre benéfica, de hábitos preciosos de medida e ordem e também da inserção da actividade encarada num complexo de vida e segundo uma filosofia.

E é em verdade que tais conquistas estão entre as mais importantes de um boa educação.

Aplica-te! Sê mais cuidadoso! Pensa no que fazes! Estas são as recomendações incessantes da Escola e, como todas as recomendações, tornam-se inúteis, porque apenas visam a forma e o resultado do esforço, quando afinal esse mesmo esforço só pode ser proveitoso se estiver harmoniosamente inserido numa regra de vida.

Quando o jardineiro arranja o seu jardim, não é preciso dizer-lhe: Tome cuidado! A necessidade de ordem e de beleza está inerente em todo o trabalhador que não esteja restringido ao papel servil de mão-de-obra. Quando o pedreiro «tira o prumo» ao seu muro, entrega-se a esse trabalho não porque o empreiteiro e o proprietário pudessem ficar descontentes, mas sim porque ele próprio sente a necessidade de ficar satisfeito.

Quando a criança estuda uma lição, copia um texto ou faz uma redacção, cumpre ps seus «deve-res». Para ela, a finalidade imediata é obter uma boa nota ou, pelo menos, evitar sanções. Pode existir um certo treino na execução aplicada destas tarefas. Mas não há preparação funcional na aquisição ou no desenvolvimento desta necessidade de ordem e de perfeição no trabalho.

A imprensa na Escola e o jornal escolar são, pelas razões dadas nos capítulos anteriores, o melhor treino para a actividade metódica e cuidadosa dos bons trabalhadores.

O texto livre e o jornal escolar são os seus imperativos. Quando se compõe; não há «assim-assim» possíveis. Se houver faltas, elas têm de ser corrigidas e o texto impresso que sai não teria valor se não satisfizesse plenamente ao mesmo tempo a inteligência e os sentidos. Não vale a pena dizer aos pequenos tipógrafos: cuidado com a técnica de impressão! Todas as crianças sentem bem que uma página rasurada é um fracasso e ninguém gosta de fracassos.

O jornal escolar que se distribui ou se envia pelo correio deve ser perfeito, visto que é por ele que nos julgarão e todos nós gostamos de ser julgados favoravelmente.

Na prática, nós próprios e os nossos filhos trazemos em nós e no nosso comportamento as cicatrizes tenazes de uma formação — ou de uma deformação — de desleixo e de superficialidade que nós faz correr o perigo de não sermos suficientemente severos connosco próprios na execução das diversas tarefas. Somos um pouco como o pedreiro que deixasse de se incomodar com uma fachada irregular ou como o marceneiro que entregasse um móvel oscilante. Temos de vencer esta deformação para podermos reencontrar as normas de qualidade de uma vida equilibrada.

A nossa época de produção quantitativa tem, mais do que nunca, necessidade de bons operários que, para além do treino automático, saibam alcançar, nos gestos e no espírito, as qualidades fundamentais do homem.

9.º O jornal e as aquisições escolares

Mas, pensarão talvez os educadores tradicionais ainda por convencer, não negamos que esse método e, em particular, a realização do jornal escolar sejam grandemente favoráveis a uma formação profunda dos nossos filhos.

Contudo, na prática, objectarão eles, temos de ensinar a redacção, a gramática, a ortografia, o cálculo, as ciências e a história. E esta preocupação, que consideramos primordial, açambarca-nos as horas e os dias. Teremos o direito de nos aventurar por caminhos desviados, que talvez até sejam estradas principais, mas que não nos permitem ir direitos ao fim, cumprindo os programas? Vamos explicar, resumindo:

— Que o jornal escolar, motivação ideal do nosso método de expressão livre, é o melhor exercício de redacção, de ortografia e de

gramática vivos. Os êxitos nos exames oficiais das crianças preparadas segundo este método são hoje susceptíveis de convencer os hesitantes.

— Pelos vários inquéritos e intercâmbio escolar, estudamos cuidadosamente o meio ambiente, sob o ponto de vista histórico, geográfico, científico e social. Teremos portanto ricos e seguros elementos de base para uma sólida aquisição das noções exigidas pelos programas.

— Mas afirmamos sobretudo que a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extra-escolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que pomos no nosso próprio trabalho.

Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse; permitimos que eles se afirmem: damos aos nossos alunos qualidades de gosto, aplicação e minúcia que são a nobreza de todo o bom trabalhador.

E sabe-se bem que, quando as nossas crianças têm este desejo e este gosto pelo trabalho, quando despertamos os seus interesses e lhes sabemos satisfazer as necessidades, podemos levá-las ao fim do mundo ou, melhor, elas irão ao fim do mundo: basta que as saibamos ajudar técnica, social e moralmente.

Este é o papel do nosso método de educação.

VANTAGENS PSICOLÓGICAS

Neste estudo das vantagens psicológicas do jornal escolar distinguiremos, por assim dizer, duas zonas:

- As vantagens que trazem à compleição íntima dos nossos alunos a nossa prática do texto livre e do jornal escolar;
- As possibilidades, para os próprios educadores de melhor penetrar e compreender uma psicologia infantil que, apesar de tantos estudos antigos e modernos, continua a ser um domínio misterioso que o nosso método ajudará a desvendar e, portanto, a influenciar melhor.

A compleição íntima da criança

Quando escreve os seus textos livres, quando imprime o jornal, a criança não se preocupa nada com a sua psicologia. Nem sequer se levanta a questão de saber se o trabalho vivo que ela começa nos permitirá melhor compreendê-la. Na origem, o texto livre e o jornal escolar não são nem um sistema de prospecção nem uma terapêutica.

O essencial dos progressos que poderemos verificar não provém das nossas próprias investigações específicas, mas sim das modificações benéficas proporcionadas pelo nosso método à maneira de pensar, de sentir, de compreender e de agir dos nossos filhos. Quais são então estes progressos?

1.º Normalização do meio onde a criança vive

Hoje é banal reconhecer-se que o meio escolar é tradicional e forçosamente diferente do meio familiar e social da criança.

A pedagogia quis, aliás, que assim fosse, visto considerar-se oapaz de criar, pela sua acção específica, uma cultura especial, de origem intelectual, superior à cultura experimental e impírica do meio.

O que é certo é que ainda hoje, segundo as concepções da Escola e da Educação, se cria uma dualidade lamentável nas funções maiores do indivíduo: a família, a aldeia ou a rua têm as suas normas, forma de instrução moral e tipos de cultura. A Escola trabalha segundo normas deliberadamente diferentes, opostas na maior parte das vezes, que lançam a confusão no comportamento das crianças e contribuem para a sua desadaptação. A menos que a Escola fracasse completamente na sua acção e que certas crianças conservem o equilíbrio e a força nos quadros da cultura tradicional do povo.

Todos nós sentimos esta dualidade. Todos sofremos com ela. Na maior parte das vezes, marcou-nos terrivelmente. Está certamente na base de uma impotência psicológica que se inscreve entre os inconvenientes da nossa Escola popular laica.

Com o nosso método superamos esta dualidade. A criança chega à nossa classe com os sentimentos, preocupações, necessidades e inquietações que pouco a pouco modelam a sua personalidade. Não lhe

dizemos: «abandona esse hábito, mesmo que já faça parte de ti... vamos ensinar-te outra coisa, por outros meios, com outros processos!»

Tomamos a criança tal como ela é e, usando técnicas de trabalho semelhantes às do meio familiar e social, mas com uma maior riqueza experimental esforçamo-nos por lhe permitir ir mais longe e mais alto nos caminhos da verdade e da humanidade.

Não é por acaso que a palavra «normalização» tomou na sociedade contemporânea uma extensão tão grande. O indivíduo que trabalha e vive num meio normalizado é descontraído, melhor equilibrado e, portanto, mais eficiente. A ausência de normalização põe, pelo contrário, um número maior ou menor de problemas artificiais a resolver, técnicas a dominar, barreiras a transpor e a derrubar — o que origina nos indivíduos que são vítimas dela reacções perfeitamente imprevisíveis, conflitos ou neuroses de que a psicanálise desvenda pouco a pouco as incidências.

O simples facto de harmonizarmos, pelas nossas técnicas, a vida escolar e a vida familiar e social é, sem dúvida nenhuma, de grande alcance na formação, psíquica e psicológica das crianças.

2.º A disciplina nova, disciplina do trabalho

Esta normalização está ligada ao problema da disciplina, que é a técnica das relações entre indivíduos e grupos.

A substituição de um modo de vida estranho aos hábitos correntes do meio só se pode fazer recorrendo à autoridade — directa ou indirecta — e esta, sob qualquer forma que se apresente, é sempre origem de conflitos que nada mais fazem do que agravar as dificuldades nascidas do dualismo educativo que denunciámos.

Pensamos mesmo que a quase totalidade dos complexos psíquicos e psicológicos provém de uma má solução dada aos problemas de disciplina, isto é, aos problemas da coexistência harmoniosa dos indivíduos e grupos.

A «normalização», seja na Escola ou na fábrica, visa atenuar estes conflitos disciplinares. Conseguimo-lo ainda fazendo as crianças enveredar por caminhos que as levarão mais seguramente ao fim a atingir e que se baseiam todos no trabalho.

Restituímos a esta noção de trabalho — sobretudo pelo texto livre e

pelo jornal — toda a sua nobreza e alcance; possibilitamos que a criança se oriente; damos-lhe razões novas para viver e agir, o que contribui certamente para o progresso psicológico desejado.

3.º A expressão livre das crianças

Uma parte importante das perturbações de carácter .provém igualmente do facto de que a criança na Escola não tem a possibilidade de exteriorizar as suas necessidades, sentimentos e tendências.

A Escola, que durante- tanto tempo desprezou estes complexos psíquicos obstinando-se em ignorá—los, substituía estes sentimentos por pensamentos e emoções dos clássicos e dos «mestres». Esquecia que todos nós temos humanamente necessidade de dizer, gritar e cantar as nossas alegrias, esperanças e desgostos. Se os homens, egoistamente preocupados com as suas inquietações, não nos quiserem escutar, dirigimo-nos à lua, às estrelas, ao sol ou aos deuses. Queremos deixar esta necessidade de elevação, de harmonia e de beleza que nos agita, marcada pela nossa mão e gênio sobre a terra, barro ou pedras; com este poderio latente em face da vida, com o trabalho e a ciência, transformamos intrepidamente o meio que nos rodeia e dominamos a natureza.

Se tirarmos à criança todas estas possibilidades de acção e reacção, ela torna-se um pássaro de asas cortadas, um peixe perdido num tanque cuja água se vai estagnando e evaporando.

Utilizando o texto livre e o jornal escolar, alimentamos e exploramos esta necessidade de exteriorização da criança. Tecnicamente, é desta necessidade que partimos para todo o trabalho de instrução e educação que vamos empreender.

A propósito desta expressão livre, falou-se muita vez, aliás para a criticar justamente, da noção de expressão espontânea. Não nos agrada este qualificativo, que contém um sentido de anarquia, comportamento fantasista e sem objectivo. Foram os gramáticos que acreditaram que a expressão funcional da criança podia ter, na sua espontaneidade, este carácter de gratuidade e inutilidade que se manifesta efectivamente nas crianças habituadas apenas a obedecer, que esqueceram os gestos naturais sempre ligados à transformação do ser e que, entregues a si próprias, livres de sujeição adulta, já só sabem fazer movimentos inconsiderados

— espontâneos, sem dúvida, mas sem significado no comportamento dos indivíduos.

A expressão livre das nossas crianças, sob qualquer forma que se manifeste, não tem nunca este aspecto de espontaneidade pejorativa. A não ser nos casos de anormalidade grave, encontramos-lhe, pelo contrário, fundamentos e raízes, e um objectivo consciente ou não.

A Escola tradicional, para se dar ares progressistas, pode no máximo, falar de espontaneidade. A verdade é que nós atingimos, por gestos funcionais, as bases fecundas da vida.

4.º A libertação psíquica

As recentes pesquisas da psicanálise contribuíram para pôr em relevo os perigos que constituem para o indivíduo a incapacidade em que se encontra de exteriorizar os seus problemas.

Guardamos connosco segredos que nos obceciam e nos corroem porque suscitam complicações para as quais não conseguimos encontrar sozinhos a solução. Bem gostaríamos de partilhar as nossas dúvidas e receias com as pessoas susceptíveis de nos darem ajuda e nos resolverem o problema, devido à sua própria experiência.

Quer o queiramos, quer não, estamos num meio social. Nenhum dos problemas, mesmo de natureza muito pessoal, que temos a resolver, existe separado desse meio. Procurar uma solução estritamente pessoal para estes problemas é cometer um erro técnico e táctico, e os erros têm sempre as suas consequências.

O simples facto de o indivíduo exteriorizar estes problemas, de os lançar no circuito colectivo e social, de esperar portanto soluções favoráveis, constitui uma descarga moral, ou melhor, uma descarga psíquica que nos permite reagir mais sensatamente segundo dados mais humanos e eficientes.

A prática da confissão, na religião católica, corresponde a esta necessidade de descarga e libertação.

A nossa expressão livre desempenha, sob uma forma muito mais natural, o mesmo papel benéfico.

Aliás, as nossas crianças precisam de um certo tempo para se habituarem a esta expressão profunda que é a libertação.

Com crianças não preparadas, os textos livres são, poderíamos dizê-lo, superficiais. Não se lhes sente nenhuma raiz. Contam factos ou preparam descrições, mas impessoalmente, «objectivamente», para empregar a expressão pseudocientífica da esco-lástica.

Mas, pouco a pouco, a criança aprenderá a exprimir-se. Os textos doravante terão o seu cunho, serão um reflexo da sua personalidade. Não ainda de uma maneira total. Como na psicanálise, há recantos do indivíduo que tardam em revelar o seu segredo. A porta entreabrir-se-á um dia e adivinharemos então o problema reprimido que falseava o funcionamento do mecanismo.

Como espreitar por aquela fresta, como detectar e identificar os problemas, como, em definitivo, tirar dos nossos textos livres uma verdadeira análise psioanalítica? É o que nos dirá um dia próximo a análise metódica e científica dos melhores textos de que dispomos e que nos permitirão uma análise profunda, tendo em vista um melhor conhecimento dos processos de libertação psíquica por meio de textos livres.

É mais especialmente sob o ponto de vista afec-tivb que os textos livres e o jornal escolar permitem obter revelações de um alcance pedagógico considerável.

A Escola habitual desinteressa-se disso totalmente, por princípio e até por técnica, podíamos dizer. Age como se a criança que acolhe fosse uma matéria nova, sobre cujos destinos as especulações da Escola pudessem prosseguir independentemente de todas as realidades prévias que a condicionam.

A criança tem mau carácter, não é sociável, parece estranha à vida da comunidade. A Escola regista e sanciona. Mas um texto livre revelar-nos-á um dia qual o drama secreto que açambarca permanentemente as inquietações do seu'autor. Uma rapa-riquinha chega à aula sempre tarde, suja e mal penteada. Nunca lhe faltam justificações fantasistas que nos fazem atribuir-lhe uma imaginação anormal e perversa.

Mas os textos livres contar-nos-ão, abertamente ou não, a situação familiar dramática daquela .criança. Saberemos doravante as tarefas com que é sobrecarregada de manhã, a pouca afeição que en-. contra na família e que ela compensa por uma ligação comovente às suas galinhas e cordeiros.

Esta revelação vai modificar profundamente — ainda bem, aliás— a situação escolar desta criança; serão estabelecidas novas pontes e abrir-se-ão vias novas à intercompreensão — tudo isto pode estar na origem de verdadeiras ressurreições.

5.º Trabalho produtivo

«O trabalho inútil enlouquece aqueles que estão condenados a ele», diz um autor inglês.

Se tal facto é exacto e se, por nosso lado, estamos convencidos disso, a Escola deveria rapidamente reconsiderar as suas técnicas de trabalho inútil.

Uma das causas actuais do desequilíbrio individual e social provém certamente do facto de na nossa época já quase não se conhecerem as alegrias do trabalho. O trabalhador na fábrica «esfola-se» (tem razão em não pronunciar neste caso a palavra sagrada do trabalho) «para ganhar a sua côdea» e não para produzir uma obra valiosa — preocupação acessória. A criança «marra» sem objectivo nem razão para passar nos exames e ganhar também ela o seu pão por uma situação se possível bem assegurada. E quando estamos cansados de «esfolar» ou de «marrar» divertimo-nos porque a diversão é a antítese e o abandono de uma tarefa que doravante não desempenha nenhuma função visível no destino dos homens.

Sabemos bem que estamos a carregar demasiado as tintas, que persiste a nobreza dos artesãos, pesquisadores, intelectuais, cientistas que «trabalham» no sentido elevado da palavra, para quem a noção de lucro material passa para um segundo plano e para quem o trabalho é um prazer.

A Escola deve voltar a dar a esta noção de trabalho todo o seu eminente valor individual, social e humano.

O jornal escolar é o protótipo deste trabalho novo. Para se dedicar a ele, a criança deixa de ter necessidade do estimulante das notas, do lucro material ou da atracção do jogo.

A iniciativa dxr jornal basta-se a si própria porque contém em si as virtudes mais importantes da educação moderna.

Todos os visitantes que nas nossas aulas ou exposições têm o privilégio de verem as crianças a' compor e imprimir o seu jornal e a gravar -os títulos que o irão ilustrar ficam admirados com a atmosfera de fervor em contraste

com a superficialidade das escolas habituais. Já não se trata aqui de uma actividade visando o riso... ou a instrução. Aqui trabalha-se!

Ainda que o jornal escolar apenas desse à Escola essa atmosfera nova de actividade criadora e funcional, ele não agitaria menos profundamente uma pedagogia que nos anos vindouros se irá inscrever sob o signo do trabalho.

6.º Uma pedagogia de sucesso

Em todos os domínios, o fracasso é um destruidor de personalidades. Na criança está sempre na base de taras graves, desde a hesitação até à gaguez e à anorexia fisiológica e mental.

Por intermédio do jornal escolar, a criança é bem sucedida: triunfa com o seu texto, que se torna uma página definitiva difundida na aldeia e através do espaço: triunfa com a sua gravura e os desenhos que dão beleza à obra colectiva.

Realizemos um belo jornal. Organizemo-nos tecnicamente para que ele seja, sem graves riscos, o triunfo que nos honrará. Pouco a pouco na nossa aula e na nossa vida ir-nos-emos habituando a salientar os êxitos que dão esperança e energia. Progressivamente iremos atirando para a tralha dos processos caídos em desuso os exercícios, as sanções, as provas que são apenas uma técnica de fracasso.

É a andar que se experimenta o movimento; ó trabalhando na forja que nos tornamos forjadores. É animando a vida que nos treinamos a viver útil e generosamente.

CONCLUSÃO

A conclusão está nos factos.

Se virmos nas aulas uma criança inquieta, fechada, como se estivesse carregada de um potencial limitado de sofrimento psíquico de que não consegue libertar-se, temos perante nós um recém-chegado que ainda não encontrou as pontes que lhe permitiriam estabelecer contactos.

As crianças que puderam beneficiar pelo menos de algumas das vantagens psíquicas que acabámos de enumerar são calmas, abertas, extrovertidas, isto é, viradas não para dentro mas sim para fora. Os seus problemas passam a ser os problemas do grupo, e os problemas do grupo são os seus problemas.

Estas crianças adoram a pesquisa, a experiência e o trabalho. Brincam normalmente, visto que o trabalho tomou nas suas vidas o lugar que deve ter.

Esta transformação dos indivíduos, esta abertura que é uma libertação, esta socialização, pode ser preparada e finalmente alcançada nas nossas aulas pelo método de expressão livre, cujo instrumento é o jornal escolar.

O JORNAL ESCOLAR PARA O CONHECIMENTO DA CRIANÇA

Na medida em que o texto livre e o jornal escolar nos permitem entrar em contacto íntimo com as crianças que doravante se exteriorizam, se exprimem e se socializam, a nossa psicologia escolar apoia-se em novas bases que temos a obrigação de assegurar e explorar.

O conhecimento difuso, mais sensível e afectivo que formal, trazido por estes contactos é a relação essencial do jornal escolar com a psicologia contemporânea.

Um professor que realize na sua aula um jornal escolar não tem de ser

fatalmente um iniciado nas fórmulas mais ou menos escolásticas da psicologia moderna, mas conhecerá melhor os seus alunos, o que é essencial, e estará numa posição ideal para agir em face das necessidades e tendências manifestadas.

Quererá, isto dizer que não devemos ir mais além e não devemos tentar codificar, tentando facilitar e aumentar esse conhecimento, algumas das conquistas psicológicas do texto livre? Estamos agora no campo dos especialistas e não é sem alguma apreensão que nos aventuramos num mundo que não nos é familiar e cujas técnicas nos têm parecido até hoje muitas vezes contingentes e merecedoras de crítica.

Os psicólogos foram condenados, a maior parte das vezes, a interrogarem, não a criança mas o aluno. Mas tentar definir a criança pelas suas reacções de estudante comporta riscos de erro que viciaram uma parte dos trabalhos científicos.

Pela infinidade de documentos dignos de confiança contidos nas nossas colecções de jornais escolares, oferecemos aos psicólogos a possibilidade de conduzir inquéritos, preparar novos testes, reconsiderar certas conclusões prematuras e lançar as bases do verdadeiro conhecimento da criança.

VANTAGENS SOCIAIS DO JORNAL ESCOLAR

Sem dúvida foi um pouco arbitrariamente, para comodidade da nossa demonstração, que apresentámos em capítulos separados as suas vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais.

Na realidade, todas estas virtudes do jornal estão intimamente ligadas e são interdependentes. As vantagens sociais seriam muito frágeis se não tivessem como base uma reconsideração psicológica e pedagógica: e esta não seria digna de confiança se não envolvesse simultaneamente e de um modo natural os aspectos sociais do problema.

Mas como se trata, com efeito, de efectuar uma demonstração dedicada aos educadores que ainda hesitam à porta de um método novo,

deixaremos aqui um pouco esquematicamente tudo o que a prática do jornal traz de valorização ao comportamento social da Escola, crianças e professores.

I.º *O jornal escolar é um trabalho de equipa que faz a preparação prática para a cooperação social das crianças*

- A imprensa tem os seus responsáveis, cuja vigilância é séria porque condiciona uma actividade social cuja necessidade é sentida pela turma inteira.
- O trabalho de cada aluno faz parte de um todo que necessita de diligência, aplicação e perfeição. Uma linha mal composta compromete toda a página.
- A reclassificação dos caracteres, embora monótona na aparência, é recebida com uma disciplina bem aceite o que vem a ser uma prova social.
- Se os caracteres forem mal classificados, a equipa seguinte não poderá compor. Aqui, o indivíduo tem obrigação de aceitar esta regra, condição 'sine qua non' do trabalho de equipa.
- Na equipa de três ou quatro alunos que fazem a tiragem, cada um deve desempenhar correctamente a sua tarefa. O encarregado da tin-tagem que descúrar o automatismo da sua função será rejeitado pela equipa — o que é, neste caso, a mais grave das sanções.
- A própria venda do jornal é feita pelos alunos, que se iniciam assim na gestão severa dos fundos colectivos.
- Todo o acto que possa alterar o bom funcionamento da imprensa é sancionado pelo grupo ou equipa que faz questão de cumprir bem o seu trabalho.

Em todas as fases do seu processo, a edição e a difusão do jornal escolar são a melhor das preparações para as responsabilidades sociais.

2.º *O jornal escolar pressupõe a cooperação escolar*

O movimento da cooperação escolar está, em França, vantajosamente desenvolvido. Os nossos adeptos constituem a sua base principal, porque

a edição e administração do jornal escolar são essencialmente cooperativas.

A técnica tradicional de trabalho escolar, com base no compêndio individual, os trabalhos que devem ser feitos individualmente e as lições a decorar, tudo isto é por princípio anticooperativo. Longe de suscitar gestos de cooperação, preconiza, mantém e reforça as formas individuais da economia e, portanto, da cultura.

O jornal escolar não pode deixar de ser cooperativo.

O material de composição e de tiragem é, por natureza, colectivo. Para recebê-lo, teremos a obrigação de prever uma organização que possa assegurar a instalação e conservação das instalações. Esta organização tem um nome, uma técnica, estatutos e uma tradição: é a cooperação e, neste caso a cooperação escolar.

Assim poderá ser constituída a cooperativa escolar que, durante muito tempo se irá cristalizar à volta de um jornal que será o seu órgão oficial.

Dizemos a todas as escolas que às vezes têm dificuldades em criar uma cooperativa escolar demasiado teórica e formal: editem um jornal escolar. A vossa cooperativa tornar-se-á activa e viva.

3.º O jornal escolar é a melhor solução para a indispensável ligação com os pais

A ligação Escola-Pais, mais indispensável do que nunca, é realizada «teoricamente» pelo jornal escolar que, todos os meses, leva às famílias o aspecto original da vida da aldeia, vista pelos olhos das crianças.

Aliás, acrescentando algumas páginas especialmente destinadas aos pais, pode-se fazer do jornal escolar um verdadeiro jornal da aldeia, sem comprometer as vantagens pedagógicas da iniciativa.

Com efeito, o que os pais esperam do jornal escolar, não é tanto as notícias da região —que eles conhecem — mas mais os aspectos originais do trabalho dos seus filhos.

Excepcionalmente aliás, certos números especiais poderão incidir sobretudo neste papel de ligação: organização de permutes e viagens de permuta, preparação de festas, monografia da aldeia, inquéritos, contos, etc.

4.º *O jornal não será tabu*

E guardamos para o fim a vantagem, ao mesmo tempo individual e social, que consideramos como a mais importante e eficaz no que diz respeito à formação do homem e do cidadão.

Uma das grandes falhas da nossa cultura —e nisso a Escola pelo menos participou— é o facto grave de, para as crianças e adultos da nossa época, o texto impresso ser tabu.

O jornal sobretudo é tabu. Está escrito... está F impresso. Não vinha no jornal se fosse falso!

É desta fascinação pelo texto impresso que vivem os jornais de grande tiragem e as organizações de

propaganda que se servem deles como instrumento.

É este «atafulhar» sistemático de espírito que falseia tão tragicamente nos nossos dias os próprios princípios das nossas democracias.

No século passado, quando os jornais estavam ainda reservados a uma minoria de iniciados, a grande massa do povo tinha pelo menos a possibilidade de reflectir e discutir com um bom senso que tinha o seu sabor e a sua sabedoria.

Hoje, o jornal pensa pelos seus leitores. Aquilo que pessoas inteligentes e instruídas escreveram e imprimiram só pode ser a verdade. O público abstém-se de criticar. E muita sorte haverá se não apedrejar os originais que continuam a ter idéias próprias e que se atrevem a exprimi-las!

Infelizmente, a escola tradicional prepara esta submissão dos indivíduos perante a nova deusa: a imprensa. Os primeiros textos apresentados às crianças são naturalmente textos de adultos. Lá estão eles, impressos na cartilha. Não sabemos o que querem dizer, mas são textos de leitura, que é preciso papaguear antes de tentar compreender, se é que merecem ser compreendidos.

Quando chegar a altura de abordar a redacção, o que não será de modo algum para exprimir os seus próprios pensamentos —tão pobres e insignificantes— a criança vai repetir e copiar as frases impressas nos livros ou que foram ditadas pelo mestre.

Em ciências, história, geografia, as aulas e os resumos tomam o lugar da informação e das experiências.

Então a criança convence-se lentamente que o seu próprio pensamento — como aliás os seus actos — são e deverão ficar insignificantes e que só terá valor o pensamento majestoso amplificado pelos livros e jornais. Está portanto pronta a receber as novas ditaduras.

Queremos destruir esta tradição.

Connosco a criança compõe página a página o seu próprio jornal que, como todas as criações humanas, comporta a sua parte de - erros e incertezas. Sabe doravante como se fazem os inquéritos, como se conduzem as reportagens, como se prepara e se deforma a bela profissão de escritor ou de jornalista.

Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, à aceitação e procura dessa crítica. Aprendem a detectar, com um bom senso recuperado, a presença incorrigível da verborreia e da «leitura», escondida sob o clamor de certas páginas. Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas, e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais.

O mesmo acontece sob o ponto de vista histórico e científico. Os nossos alunos fazem prospecções e pesquisas cujos resultados não se enquadram forçosamente nas afirmações dos livros. Não estão convencidos de antemão que são eles que não têm razão e o livro é que está certo. Escrupulosamente fazem a pergunta dos pesquisadores: quem sabe?

Alunos das nossas aulas criticaram assim páginas de manuais, esboços de história e de ciências; escreveram as suas observações aos editores e aos autores que, em certos casos, reconheceram o fundamento das suas críticas.

Entregam-se igualmente a numerosas experiências; encorajamos os seus primeiros passos e mesmo as suas «invenções». Poderão avaliar as suas insuficiências técnicas tanto melhor quanto mais estejam interessados em materializar os seus sonhos.

E não é de menor importância que, com tais bases, tenhamos dado aos nossos alunos a idéia que consideramos decisiva de que tudo o que lhes é ensinado pode ser reconsiderado, que os pensamentos mais importantes podem e devem ser passados ao crivo da sua própria experiência, que o conhecimento se conquista e a ciência se faz.

No dia em que os cidadãos saibam que o seu jornal. Pode mentir. ou pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida, quando estiverem aptos a discutir com prudência mas também com ousadia, quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias.

Será exagerado dizer que uma tal conquista da nossa pedagogia terá mais peso no destino das nações que as pequenas considerações técnicas às quais se reduz, tantas vezes, o papel de uma escola que tem mais a fazer do que preparar servos e 'robots'?

O JORNAL ESCOLAR, INSTRUMENTO DE INICIAÇÃO À VIDA CÍVICA E À COMPREENSÃO INTERNACIONAL

Já dissemos quanto os nossos capítulos estão necessariamente interligados.

A conclusão da página precedente pode também ser considerada como preâmbulo ao presente estudo sobre a iniciação à vida cívica.

Pela preparação individual e colectiva das páginas do jornal, pelo voto regular que decide da escolha dos textos, pela organização cooperativa necessária ao trabalho novo, pela redacção e difusão do jornal escolar, realizamos a melhor das preparações para a actividade cívica dos futuros cidadãos.

As trocas interescolares, as permutas de alunos, reuniões, cartas, inquéritos e exposições, tudo isto constitui igualmente uma preparação directa e indispensável para a vida contemporânea.

Tudo isto, bem como a nossa atitude face à imprensa, ao jornal, e mais tarde à rádio, não se aprende por lições ou por memorização, mas pela experiência e pela acção.

E esta experiência e esta acção permitem o aparecimento do jornal escolar.

Não é por lições nem mesmo por livros, por mais eloquentes que sejam, que trabalharemos para uma melhor compreensão internacional, penhor da paz.

É somente na medida em que entramos em contacto directo com as crianças, depois com adultos estrangeiros, na medida em que nos familiarizarmos

com a sua língua e modo de vida, que teremos tecido sobre o mundo uma teia que as mentiras interessadas não conseguirão nunca enredar.

Trocamos naturalmente os nossos jornais escolares com os das escolas de todos os países. Por intermédio deles conhecemos, na sua vida, famílias, pensamentos, trabalhos e jogos, as crianças que procuraremos depois encontrar para além-fronteiras. Focos novos de amizade e camaradagem vão-se assim iluminando um pouco por todo o mundo e poderão tornar-se, dentro em pouco, elementos activos da rede de intercomunicação que gostaríamos de estabelecer para além-fronteiras como o fizemos dentro do país.

Em relação a esta intercomunicação, o problema das línguas continua a ser um dos obstáculos mais difíceis de transpor. A difusão e a troca de jornais escolares poderia constituir o atractivo para uma solução prática que viria a constituir um primeiro escalão vivo para a aprendizagem das línguas desde os primeiros anos de estudo,

A correspondência individual, tal como se pratica actualmente para a aprendizagem das línguas sob a égide do serviço especial do Museu Pedagógico, seria completada pelo jornal escolar de uma forma útil em todos os graus por uma nova técnica de correspondência internacional e de intercâmbio, que procuraremos promover no decurso dos anos vindouros.

Na Escola de amanhã, onde o verbalismo dará lugar à experiência viva e à criação, os utensílios e as técnicas de trabalho tornar-se-ão elementos activos da nova pedagogia.

Entre estes utensílios, a imprensa na Escola, o jornal escolar e as permutas desempenharão um importante papel cujas virtudes e perspectivas estamos interessados em demonstrar.

Mas o progresso não se faz sozinho; são necessários trabalhadores esforçados e compreensivos para continuar e desenvolver a obra preparada pelos pioneiros da Escola moderna.

A CORRESPONDÊNCIA INTERESCOLAR

Desde as minhas primeiras tentativas em Bar—sur-Loup, em 1925, comprehendi que os nossos textos impressos eram sobretudo um novo meio de correspondência entre as escolas. Durante o segundo ano do nosso trabalho, em 1926, a minha pequena turma dedicou-se a uma troca muito regular com a Escola de Trégunc (Finistère), onde o nosso amigo Daniel acabava de introduzir a Imprensa. A experiência foi decisiva e desde então nunca mais realizei trocas tão contínuas nem tão entusiastas.

Nessa altura, imprimíamos ainda, devido à falta de material aperfeiçoado, sobre o formato 1/4 comercial (10,5 X 13,5) e utilizávamos, devido à falta de fundos, todas as qualidades de papel que podíamos arranjar, incluindo os boletins de voto.

De dois em dois dias, uma encomenda de trinta exemplares .de cada um dos nossos jornais partia para Trégunc. E, de dois em dois dias, o carteiro trazia-nos um 'stock' semelhante de jornais dos nossos correspondentes.

Aí senti imediatamente as importantes possibilidades de uma tal troca: as crianças já não escreviam para si próprias mas para os seus correspondentes: os deveres escolares mudaram então de sentido, ou seja, de natureza. Que animação e que entusiasmo pela leitura quando chegavam os jornais dos nossos âmiguinhos! Vivíamos com os camponeses-pescadores de Trégunc: conhecíamos os seus trabalhos, passatempos, preocupações. Já não se tratava de um desses vulgares processos pedagógicos pretensiosamente designados como «métodos».

Eram antes uma forma nova de vida na Escola, alma e instrumento do esforço escolar ao qual eu aspirava.

A partir deste momento, a nossa via pedagógica estava toda traçada e a experiência que se seguiu não trouxe nenhum elemento essencial que não estivesse já em germe no nosso memorável intercâmbio com Trégunc: a troca de encomendas, o envio, por um lado, de crepes bretões e por outro, de laranjas e azeitonas, o envio de brinquedos e fotografias, a contribuição dos próprios pais para esta nova forma de actividade escolar, tudo isso já tinha mostrado o que podíamos conseguir com tal técnica.

Foi portanto com uma absoluta certeza de êxito que, desde os princípios do nosso movimento, recomendámos o intercâmbio interescolar, tal como o havíamos experimentado com um êxito total.

Desde 27 de Julho de 1926, na nossa primeira circular da Imprensa na Escola, tínhamos declarado: «a organização das trocas de textos impressos entre as escolas deve ser a nossa primeira preocupação».

Abrangendo o nosso grupo quatro, oito ou doze escolas trabalhando com imprensa, organizámos trocas regulares. Quando este número se tornou mais importante, estabelecemos o sistema de trocas por grupos de seis a oito escolas. É este sistema que continua ainda hoje e cujo funcionamento vamos explicar.

*(Muitas cenas do filme *U'École Buissonnière* [Fazer Gazeta] retratam as vantagens deste intercâmbio.)*

O jornal escolar, base das trocas

Para serem permanentes e eficazes, os intercâmbios devem estar baseados no jornal escolar.

Não organizamos a correspondência de classe em classe por simples trocas de cartas ou documentos, no gênero da que se propõe em certos jornais: «A Escola de X... desejará corresponder-se com a escola de tal região.» Não é que esta troca não possa trazer vantagens, mas consideramos que, sem ter apoios nem utensílios, não suscitará nem vantagens pedagógicas nem aquele entusiasmo suscetível de marcar todo um sistema educativo. Isto é o que dizemos aos educadores: redijam um jornal escolar mesmo escrito à mão — o que pode ser conseguido por

qualquer escola, abstraindo dos seus recursos e número de alunos. Quando tiverem este utensílio indispensável que é o jornal escolar, os nossos serviços estarão à vossa disposição.

Eis o que realizamos:

1.º As escolas que desejem participar nas trocas são incorporadas em uma ou várias equipas de oito classes (ou de seis, ou mesmo de quatro para as escolas de fraco efectivo).

A constituição destas equipas — o que constitui a coisa mais delicada — é baseada nas necessidades e nos desejos das escolas que a compõem. Estas escolas pertencem o mais possível, ao mesmo nível e têm os mesmos interesses ou, pelo contrário, interesses complementares: escolas das planícies com escolas das montanhas, escolas do continente com escolas da orla marítima, Norte com o Centro ou Sul.

Pedimos aos futuros utentes deste serviço para preencher uma ficha de correspondente. O nosso serviço tem em grande consideração as indicações que lhe são levadas, levando-as em conta na medida do possível.

Além disso, todas as escolas poderão completar esta equipa, por meio de correspondência com escolas que tenham livremente escolhido, ou com uma segunda equipa. Às vezes isto torna-se difícil no primeiro ano.

A partir do segundo ano de trabalho, poderão — aliás os vossos alunos irão pedi-lo — conservar alguns dos antigos e fiéis correspondentes, juntos à nova equipa na qual sereis integrado. No decurso dos congressos e dos estágios, ao sabor das colaborações com os jornais, travareis conhecimento com os camaradas que se tomarão para vós correspondentes quase permanentes.

2.º Mas o nosso intercâmbio, mesmo no seio da equipa, tem um duplo aspecto que todos os que a ela aderem devem compreender bem.

a) Troca mensal: Por intermédio dos nossos serviços, a vossa escola é assim posta em contacto com as escolas espalhadas pelas diversas regiões de França. A troca do jornal escolar mensal é obrigatória com estas oito classes. De cada vez que se imprime um texto ou desenho, produzimos um a mais para cada uma das escolas correspondentes. Se tiverem 10 a 12 escolas correspondentes — o que parece um número muito razoável — tiramos de cada texto dez a doze páginas suplementares que devem ser

guardadas cuidadosamente em pastas especiais.

No fim do mês, agrupam-se os jornais dentro de uma bela capa e procede-se à exposição. Para cada escola será designado um aluno responsável:

- que será encarregado de preparar a cinta e fazer o envio para a sua escola;
- que receberá e lerá em primeiro lugar o jornal da escola correspondente;
- que escreverá a essa escola ou lhe enviará documentos ou encomendas segundo os conselhos que daremos mais adiante.

Uma boa organização destes serviços no princípio do ano torna automático o funcionamento das trocas. Aliás, o trabalho que estas exigem é profundamente educativo.

b) Correspondente regular.

Mas esta troca mensal, por intermédio do jornal escolar, mesmo completada por algumas cartas ou envio de encomendas, é insuficiente para conseguir o entusiasmo permanente que esperamos desta técnica: uma troca de correspondência por mês é insuficiente para manter a intimidade. Além disso, a correspondência impessoal de classe a classe não satisfaz a necessidade evidente que as crianças têm não só de conhecerem a escola e o meio ambiente, mas também as outras crianças.

Esta é a razão por que previmos um segundo gênero de trocas a que chamamos regular.

Uma das escolas da vossa equipa é designada como vosso correspondente regular.

Devem entrar imediatamente em contacto com o professor ou professora dessa escola. Informem-no do número de alunos da vossa aula, a composição desta aula, e forneçam, se for possível, o nome, apelido e idade de cada um dos vossos alunos.

O vosso correspondente deve fazer outro tanto.

Mas não contem com as cartas que possam ser trocadas entre os vossos alunos para manter uma excelente correspondência. As cartas das crianças com menos de treze-catorze anos são sempre demasiado subjectivas; não contém nenhum dos elementos profundos da vida de que temos

necessidade. Além disso a imperfeição do grafismo e da apresentação podem cansar os pequenos correspondentes.

Eis a técnica que recomendamos:

A vossa escola correspondente conta 27 alunos; a vossa 24. Têm dez correspondentes mensais. Precisam de vinte exemplares destinados às assinaturas. A tiragem deve ser $27 + 24 + 10 = 61$, ou seja, 61 exemplares.

Quando uma página é tirada recto-verso: 1." Os vossos alunos pegam no seu livro da vida (recomendamos o emprego de encadernações transparentes, que permitem às crianças formar assim dia a dia, um verdadeiro livro que ficará imponente ao fim do ano).

Perfurem as páginas impressas e dêem uma a cada um dos alunos. Depois de leitura individual, com voz alta ou baixa (as crianças gostam de reler o texto passado a limpo), a página é junta ao livro da vida.

Além disso, este livro da vida poderá enriquecer-se com páginas policopiadas, com desenhos e mesmo com fichas do nosso F. S. C. (¹).

2.º Preparamos vinte e sete folhas que metemos numa capa e depois num sobreescrito e que enviamos periodicamente para a nossa escola correspondente. Esta escola recebe a encomenda e distribui uma folha a cada aluno. Os textos são lidos silenciosamente ou em voz alta, são comentados e explicados. O professor nota as reacções, prepara perguntas ou respostas, cada aluno coloca a folha recebida num segundo livro da vida, o livro da vida da escola correspondente. Cada um dos alunos da nossa aula terá dois livros da vida, o da nossa escola e o da escola correspondente, livros da vida que se completam maravilhosamente (por medida de economia, o envio à Escola correspondente pode ser feito só ao fim de semana, por exemplo).

A correspondência assim compreendida deixa então de ser pessoal; os textos do jornal trazem-nos os ecos da vida. íntima dos nossos correspondentes, das suas reacções no seu ambiente. Conhecemos cada um dos alunos como se estivessem a nosso lado.

Completamos este intercâmbio pelo envio regular de cartas aos nossos correspondentes. De quinze em quinze dias, cada aluno escreve ao amiguinho de que ele tem o nome: Meu querido camarada... À carta junta a sua fotografia, postais, selos, fotografias da sua família.

As cartas assim escritas, lidas pelo professor — que explica lealmente

(¹) Fichier Scolaire Cooperatif (N.T.)

que tem de as ler para evitar as tolices — são enviadas num embrulho, acompanhadas de uma carta do professor ao seu colega com todas as informações suplementares. Este envio é feito em encomenda não fechada. A troca de fitas magnéticas completa hoje todas estas possibilidades.

Quando estas remessas chegam, o interesse na aula atinge o seu auge! Cada um recebe como uma relíquia a carta do seu correspondente, guarda-a com cuidado, leva-a para casa e conserva-a com carinho. Só existe um contra: sucede que alguns alunos não recebem carta porque o seu correspondente está doente ou não escreveu. É então um verdadeiro desespero, que nos mostra o apreço que os nossos alunos dão a estas trocas. É mesmo necessário que os professores combinem entre eles para evitar a todo o custo tais dissabores, chegando mesmo ao ponto de mandar fazer uma carta suplementar a alguns alunos mais expeditos para atenuar pelo menos o desgosto dos não contemplados.

Os próprios pais se apaixonam por estas trocas e às vezes correspondem-se entre si. É inútil falar nas vantagens consideráveis que a nossa escola pode tirar desta integração das suas técnicas na vida da família e da aldeia.

Todos os meses preparamos uma encomenda para os nossos correspondentes: cada aluno traz um pequeno embrulho para o seu correspondente particular, com o nome e a direcção. Eis o que ele envia: jornais, postais, brinquedos, fotografias, um canivete e às vezes até prendas de valor.

Além destas ofertas particulares, o nosso envio deve comportar uma parte comunitária: castanhas, nozes, berlindes, amêndoas, laranjas, maçãs, que cabem a toda a gente.

A encomenda é solenemente enviada e a expedição deverá ser feita pelos alunos que seguirão o seu trajecto e esperarão as reacções com ansiedade.

A chegada destas encomendas desperta nas nossas aulas um entusiasmo indescritível. Nenhum acontecimento pedagógico consegue atingir igual animação. É necessário ter vivido tais momentos para compreender todo o sentido desta afirmação. São cenas inesquecíveis. Passados trinta anos, ainda me recordo do dia em que recebemos dos

nossos correspondentes de Trégunc uma pequena encomenda

postal que continha crepes bretões, finos como musselina, deliciosamente barrados de manteiga. Fez-se a partilha: três crepes a cada um, incluindo o professor, evidentemente. E se tivessem visto as crianças partir para suas casas, levando para os irmãos ou pais o resto do seu quinhão! À tarde, as crianças chegavam dizendo: «O meu pai diz que temos de lhes mandar laranjas e figos.»

Um dia recebeu-se uma encomenda de uma escola de Ardèche com castanhas que se puseram imediatamente a cozer no fogão. E os pequenos alunos da Escola Freinet que receberam, Janeiro passado, enviadas pelos seus correspondentes do Marne, entre outras gulodices, duas garrafas do verdadeiro cham-pagne!

É agora fácil de compreender que a correspondência assim praticada traga na verdade um elemento novo à vida e ao trabalho da vossa classe. Então sim, a vossa actividade será motivada. Ao escrever, os alunos pensarão nos seus correspondentes: quando fizerem inquéritos de história ou de cálculo, será para informarem os seus correspondentes: ao descreverem a sua aldeia ou região, com mapas de apoio, não estarão a desempenhar uma tarefa escolar vulgar: será uma resposta aos pedidos ou desejos expressos pelos seus camaradas.

A base do nosso ensino deixará de ser a teoria intelectual escolástica e passará a ser o trabalho e a vida. Aqui reside precisamente a grande conquista pedagógica e humana das nossas técnicas.

É certo que o preço do papel, dos selos e dos transportes, poderão tornar esta prática onerosa. Muitas escolas acharão demasiado caro o envio regular de vinte e sete a trinta folhas que permitirão ter mais trinta jornais à disposição dos eventuais assinantes ou para vender por um bom preço. E considera-se às vezes que o envio de cartas e “encomendas pode ser feito também como complemento da correspondência mensal pelo jornal escolar, o que representará uma boa economia.

Na verdade, cada um faz como pode. Mas nós somos obrigados a mostrar a verdadeira linha de eficiência pedagógica, social e humana das trocas interescolares, para que os professores que, devido a contingências desfavoráveis não possam aplicar integralmente as nossas técnicas, não fiquem surpreendidos se não obtiverem um rendimento de cem por cento

e para que se preparem para melhorar e completar as suas técnicas à medida das suas possibilidades.

Evitando a supressão do correspondente regular, pensamos que seria talvez preferível que os próprios interessados chegassem a um acordo para reduzirem provisoriamente, em certa medida, o ritmo das suas remessas de textos impressos. Em vez de enviar vinte e sete exemplares de cada texto, ou seja, quatro a cinco páginas por semana, podia ser suficiente, por exemplo, a remessa de uma folha de duas páginas por semana. Escolher-se-ia o texto o melhor possível, tendo em vista o interesse recíproco das trocas.

Intercâmbio de alunos

O interesse suscitado por estas trocas interescolares no decurso dos últimos anos deu prigem ao complemento ideal do nosso interconhecimento — a troca de alunos no decurso do ano.

Os alunos da Escola de X... partiram cornos seus professores em visita aos seus correspondentes, que lhes tinham preparado minuciosamente uma comovente recepção: o professor foi naturalmente recebido pelo seu colega, à saída do comboio ou da camioneta, os correspondentes que se conheciam reencontraram-se. Cada um parte com o seu correspondente.

A experiência mostrou que esta prática apresenta inúmeras vantagens essenciais e poucos inconvenientes. Inútil será dizer que as consequências pedagógicas destas trocas de alunos são decisivas para o êxito das nossas técnicas.

A revelação principal de tais trocas é que os que mais satisfeitos ficam são os pais, contrariamente ao que poderíamos recear. Não se observa reserva alguma e o entusiasmo é completo.

No ano passado, um dos nossos camaradas levou os alunos a visitar os seus correspondentes da Bélgica. Tratava-se de um meio essencialmente popular, de mineiros e trabalhadores de fábricas. Ao fim de oito dias, ao fim dos quais o professor tinha prometido levar as crianças de volta, os pais insistiram para que os seus hóspedes lá ficassem um pouco mais. Eles próprios os levariam. E o professor voltou sozinho para prevenir as famílias.

Com a actual tendência para se multiplicarem todos os verões as excursões, os passeios e as colônias de férias, as trocas interescolares

poderão vir a adquirir um grande desenvolvimento. Mas haveria então vantagem em escolher os correspondentes regulares em função desta possibilidade, tendo em conta a distância. Convidamos os nossos adeptos a pensar, no decurso do ano, nestas possibilidades, de maneira a realizar esta experiência numa escala maior, numa escala decisiva.

Tarifa das trocas

Esta organização técnica das trocas implica necessariamente despesas novas. É necessário certamente uma economia diferente do sistema escolar.

A forma individualista dos manuais escolares e dos utensílios de trabalho estritamente pessoais deve pouco a pouco dar lugar a uma organização colectiva da qual a cooperativa escolar será ao mesmo tempo a alma e o instrumento.

O envio dos jornais escolares agrava muito pouco o orçamento, visto que as despesas de jornais regularmente declarados circulam segundo a tarifa dos periódicos. As remessas colectivas podem ser expedidas como amostras sem valor. Em certos Departamentos até se reduziram estas despesas organizando as trocas no seio do Departamento, podendo então as remessas circular gratuitamente, graças à benevolência do inspector primário. Este sistema tem apenas a desvantagem de reduzir o raio das correspondências à dimensão do Departamento, quadro demasiado estreito para o interesse habitual das crianças.

Troca de documentos para o F. S. C. e de peças para o museu escolar

As técnicas de trabalho que recomendamos necessitam, bem o sabemos, de uma abundante documentação (F. S. C.-Biblioteca de Trabalho, museu) Mas pressupõem sobretudo a participação activa das crianças na formação das colecções e no enriquecimento do museu.

Em vez de deixarmos que elas troquem seja o que for, devemos conduzi-las para uma pista pedagógica: pedirão aos seus correspondentes documentos gráficos (textos, livros, fotografias, desenhos, mapas) sobre

(') Fichier Scolaire Cooperatif. (N. T.)

o meio que lhes é familiar e cuja comparação com o nosso nos trará muitas vantagens.

Pela troca de minerais, animais vegetais e objectos diversos, faremos igualmente a comparação do seu país, constituição geológica e geográfica, flora e fauna, com os mesmos elementos da nossa aldeia. A procura de rochas, a caça aos animais e aos insetos, a observação permanente da natureza adquirem agora um sentido. Deixam de ser deveres, são necessidades novas da nossa nova vida. Que não cause espanto o facto de as escolas do nosso grupo se apaixonarem de um modo novo, profundo e dinâmico, pelas pesquisas de história, pelo estudo dos animais, pelo viveiro e aquário, pelo museu tecnológico. É que nós demos vida enfim a essas múmias que os professores tinham amortalhado nos livros ou nos armários. E a vida produz milagres de interesse e de conhecimentos.

As fotografias; os filmes; o cinema; o disco como complemento da troca

Tudo o que possa ajudar ao interconhecimento das escolas e das crianças correspondentes deve ser recomendado.

Se tivermos uma máquina fotográfica, fotografemos os nossos alunos no trabalho, na saída, na tipografia, nos inquéritos, na aldeia. Troquemos estes documentos que trarão para a nossa aula aquela atmosfera de curiosidade entusiasta tão favorável às nossas técnicas.

Naturalmente que o filme seria ainda superior à fotografia. Eis a experiência que realizámos antes da guerra e que devemos iniciar de novo, logo que as condições financeiras o permitam.

A nossa cooperativa tinha comprado máquinas Pathé-Baby 9mm5 que circulavam entre as escolas que tinham tipografia e que possuíam, por outro lado, um projector 9mm5. Filmávamos os nossos alunos no recreio, no passeio, nos seus jogos num dia de neve e de escorregadelas, no decurso de trabalhos familiares.

Expedíamos para os nossos correspondentes os filmes assim realizados. Era um "pouco da. nossa vida que chegava à Escola correspondente cujos alunos nos viam correr, rir e brincar.

Olha para aquele! É o Pedro... e aquele é o Tiago, é o meu correspondente.

E podemos ter a certeza absoluta que um cinema escolar que se apoie assim sobre filmes familiares seria simultaneamente de um maior interesse para as crianças e de um proveito pedagógico total.

O disco, como o filme, poderia ser um complemento ideal das trocas interescolares. Se pudéssemos gravar em disco o texto lido por um aluno ou a discussão gerada na aula por um assunto da actualidade, os nossos correspondentes ouviriam então, a centenas de quilômetros de distância, a voz daqueles cujos trabalhos leram ou cujos desenhos admiraram.

A fita magnética, já usada em inúmeras escolas, fez com que esta realização se pudesse concretizar.

APÊNDICES

**TEXTOS REVELADORES DA VIDA
SUBCONSCIENTE E SOCIAL DAS CRIANÇAS**

A minha mama não quer comprar mais bebês; são demasiado caros e ela tem que chegue...

Não gosto dos meus irmãos; fazem-me zangar, gosto mais da minha irmãzita Marie-Ange.

Todos os homens são maus: o meu papá bate na mamã. Além disso esta noite o papá dormiu no chão, e depois foi à cavalariça.

R. (6 anos »i)

O CÃOZINHO

Ontem à tarde, quando fui buscar leite, encontrei um cãozinho que estava a tremer de frio junto de uma casa.

Trouxe-o para minha casa. Tinha fome e sede. Dei-lhe leite e um pouco de pão.

Peguei nele ao colo e enterrei-o no jardim. Coitado do cãozinho! Gostava tanto dele! Era meigo, «carinhoso» e gentil. Lambia-nos para nos fazer festas.

Chorei até não poder mais.

COLETTTE (8 anos)

O CAVALINHO BRANCO

O cavalinho branco Brinca no prado. Come

A boa erva verde.

O seu dono canta.

O cavalinho salta de alegria.

O dono chama-o.

O cavalo não fica contente.

Na cavalariça prendem-no

E come feno

Portanto chora...

O dono abre-lhe a porta

E o cavalinho sai para o prado.

Rola na erva

O dia todo

Até à tarde

Depois cansado

Volta à cavalariça

Para dormir.

MICHEL D. (um menino atrasado que detesta a escola e dela foge sempre que pode)

TIVE MUITO MEDO

Estou na cama e durmo. Sonho que estou a guar dar as vacas e a ler um livro. Ouço um barulho, volto-me e vejo um vagabundo meio escondido atrás de um tronco de árvore. Precipita-se para mim com a faca levantada. O mais alto que posso, desato a gritar «Socorro».

Isto acorda a mama que se levanta e me vem perguntar o que é que tenho. Conto-lhe o meu sonho.

Âs sete horas, quando ela me acorda, estou ainda cheio de medo e escondo-me debaixo dos lençóis. Então ela diz-me: «Podes levantar-te, o vagabundo já está na prisão.»

NA MINHA MANSARDA

Cinco pássaros vêm dormir na minha mansarda. À noite, quando acordo, ouço-os saltitar. No princípio, pareciam-me ratos que lutavam. Mas um dia vi sair os pássaros: percebi donde é que o barulho vinha. Não lhes quero fazer mal. O pai disse-me que os quer matar. Mas ele não pode, porque fechei a porta à chave e escondi-a no fundo da mala.

MARIA S. (14 anos)

NO ESTÂBULO

Esta noite, o gato estava a beber água no balde.

— «Vá beber lá fora, seu porco!» e corri atrás dele até ao estábulo a bater as mãos.

Ao passar pelo poleiro das galinhas, senti uma coisa quente a cair-me na orelha. Pensei que era uma galinha a fazer cocô para baixo. Gritei: «Estúpido bicho, vais pagá-las!»

Ouvi rir o meu pai, que não tinha acabado de mungir. Olhei em sua direcção e vi vir direito a mim um fio branco.

Era leite que o pai estava a entornar-me em cima.

Desatei a rir por ter discutido com uma galinha inocente.

MARIA S. (14 anos)

UMA GATA DESCARADA

Numa noite de Verão, depois de ter estado acordada muito tempo, estava muito contente por ir para a cama.

Oh! que surpresa e que fúria! Quando abri a cama, vi três animais: dois pequenos e um grande. Era a «Pauline» que acabava de ter os seus gatinhos na minha cama.

Meio triste, meio contente, disse-lhes: Meus amigos, é preciso ter azar! Vocês estão bem, mas eu tenho sono e tenho de ir mudar a roupa que vocês sujaram.

No armário, tirei a coberta que usava quando era pequena. Dobrei-a em dois e lá deite os recém-nascidos.

No dia seguinte levantei-me cedinho para ver se não tinham morrido. Tudo estava bem.

MARIA S. (14 anos)

FLORES PRIMAVERIS

Na quarta-feira o papá perguntou-me: «Não ouviste cantar o cuco?» Muito admirada, respondi-lhe: «Não, e tu?» «Não ouvi, mas encontrei pulmonárias ao longo do Pradou.»

A caminho da Escola, parti à procura das flores raras e preciosas. Não encontrei nada e estava furiosa com o meu pai.

Segui até à comporta de Liogier, encontrei-as, mas com um caule curto, como se tivessem tido medo de se mostrar por causa do frio.

MARIA S. (14 anos)

NOTA

A edição francesa fornece ainda um extracto da acta da Assembléia Nacional de 1 de Abril de 1954, onde por unanimidade foi aprovado que os jornais escolares editados segundo a técnica Freinet estariam ao abrigo do artigo 90 da lei das finanças de 16 de Abril de 1930, gozando portanto de uma tarifa postal preferencial.

COLEÇÃO TÉCNICAS DE EDUCAÇÃO

PUBLICADOS:

- 1 a. Actwidade Criadora na Criança, de Robert Gloton e Claude Clero
- 2 As Técnicas Freinet da Escola Moderna, de Célestin Freinet
- 3 A Criança e os Brinquedos, de Jeanne Bandet e Réjane Sarazanas (2.ª edição)
- 4 A Classe em Acção, de R. Dottrena
- 5 A Criança e a Expressão Dramática, de Pierre Leenhardt
- 6 Conselhos aos País, de Célestin Freinet
- 7 O Desporto na Escola, de Georges Belbenoit
- 8 Da Dietética à Gastronomia. A Alimentação à Criança Pré-escolar, de Robert Pierre Jolibois
- 9 A Aprendizagem da Leitura, de Gaston Mialaret
- 10 O Ensino de uma Língua Estrangeira, de H. Gantier
- 11 o Jornal Escolar, de Célestin Freinet
- 12 Iniciação Musical dos Jovens, de Madeleine Gagnard
- 13 A Ecologia na Escola, de Jeanne Dallbois
- 14 Guia Prático de Alfabetização Funcional
- 15 Formação e Aperfeiçoamento dos Professores na R.D.A., Siegfried Btrr, Rudl Slomma, Wolfgang Richter
- 16 Lingüística Aplicada e Didáctica das Línguas, de Denis Girard

Se deseja receber, gratuita e periodicamente informações bibliográficas sobre a actividade da Editorial Estampa queira enviar-nos, num simples postal, o seu nome e morada.

Os livros requisitados à Editorial Estampa serão prontamente enviados contra reembolso, pelo preço de capa. As despesas de expedição e cobrança serão suportadas por nós.

EDITORIAL ESTAMPA

Rua da Escola do Exército, 9, r/c-D.'9 Tel. 55 56 63
Lisboa-1 — Portugal

O Jornal Escolar é a pedra de toque das técnicas Freinet.

«O que é um jornal escolar?

Quais são os seus princípios de base, psicológicos, pedagógicos e técnicos?

Que caminhos pedagógicos nos abre ou nos promete?»

É disso, justamente, que este livro nos fala.

Fruto de uma larga experiência de cinqüenta anos estendida a milhares e milhares de escolas por todo o mundo, impôs-se como instrumento original da pedagogia escolar. Nele convergem o texto livre, o limógrafo e a imprensa que impuseram a acção pedagógica de Célestin Freinet, enquadrada num dinâmico movimento cooperativo que sustenta, quer a nível escolar quer a nível inter-escolar, essa instituição que se chama «Pedagogia Freinet».